

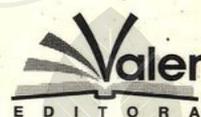
# Aparição do clown

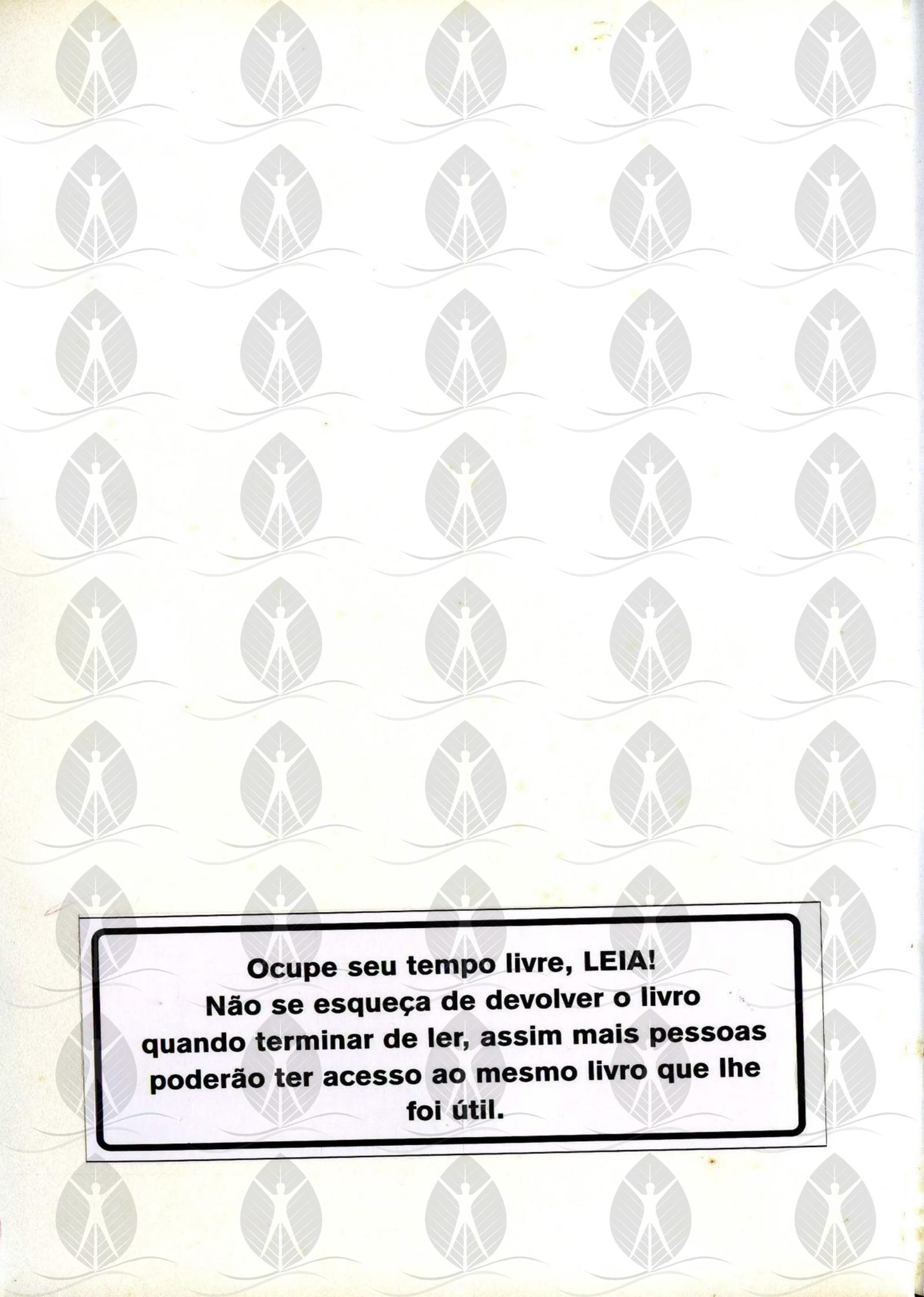
2.<sup>a</sup> edição

**L. Ruas**

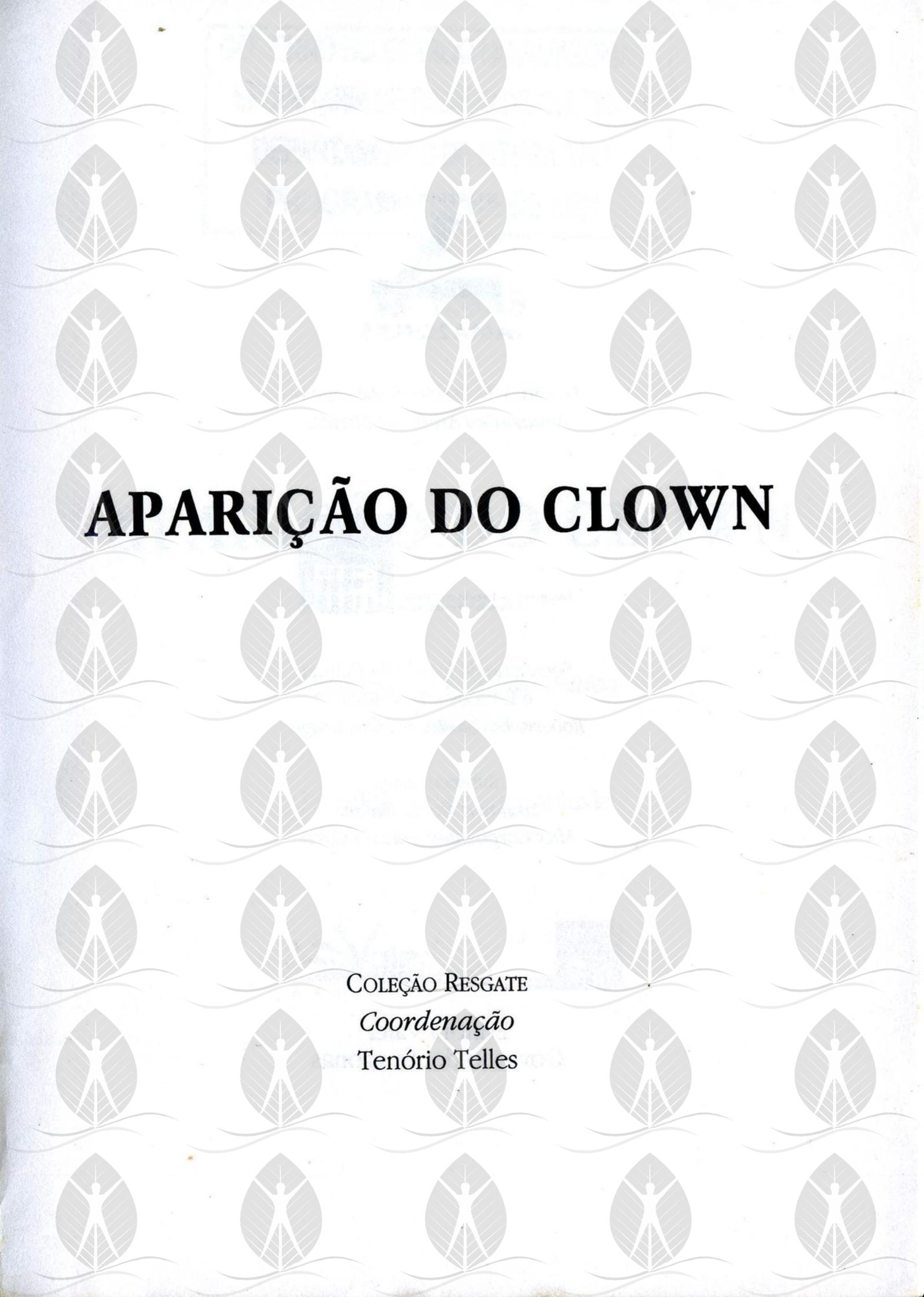
COLEÇÃO RESGATE

*Coordenação  
Tenório Telles*





**Ocupe seu tempo livre, LEIA!**  
**Não se esqueça de devolver o livro**  
**quando terminar de ler, assim mais pessoas**  
**poderão ter acesso ao mesmo livro que lhe**  
**foi útil.**



# APARIÇÃO DO CLOWN

COLEÇÃO RESGATE

*Coordenação*

Tenório Telles

GOVERNO DO  
  
AMAZONAS

Governo do Estado do Amazonas  
*Amazonino Armando Mendes*

Secretaria de Estado da Cultura  
e Estudos Amazônicos



Secretário de Estado da Cultura  
e Estudos Amazônicos  
*Robério dos Santos Pereira Braga*

Subsecretários  
*Lindalva Maria Galdez*  
*Max Carphentier Luiz da Costa*

Co-edição

Editora Valer  
Governo do Amazonas

**L. RUAS**

# **APARIÇÃO DO CLOWN**

*Organização e estudo crítico*

Tenório Telles

2.<sup>a</sup> edição revista e ampliada

 **Valer**  
EDITORA

 **Edições**  
Governo do Estado

Copyright © by L. Ruas, 1998

Editor  
*Isaac Maciel*

Preparação  
*Tenório Telles*

Capa e projeto gráfico  
*Álvaro Marques*

*(Imagem virtual produzida a partir de fotos de Leonide Príncipe)*

Revisão  
*Rosilene de Deus / Antônio Menezes*  
*Marcos Sena*

Ficha catalográfica  
*Ycaro Verçosa*

R894 Ruas, L.  
Aparição do Clown / L. Ruas; Organização e estudo crítico  
por Tenório Telles. — Manaus: Editora Valer, 1998.  
(Série Coleção Resgate, 10)  
107 p.  
ISBN 85-86512-13-3

1. Literatura Amazonense. I. Ruas, L. II. Telles, Tenório, org. III. Título.

CDU: 82.1(811.3)

1998

Editora Valer  
Rua Ramos Ferreira, 1195  
69010-120, Manaus — AM  
Fone: (092) 633-6565

# SUMÁRIO

|   |     |
|---|-----|
| Apresentação .....  | 07  |
| A Poesia como metáfora do sagrado – Tenório<br>Telles ..... | 11  |
| Aparição do Clown .....                                     | 19  |
| Descoberta.....   | 23  |
| Discurso .....  | 27  |
| Resposta.....   | 35  |
| Aviso.....  | 39  |
| Romance .....   | 43  |
| Martírio .....  | 47  |
| Canção .....  | 51  |
| Viagem .....  | 57  |
| Apóstrofe .....   | 61  |
| O dragão e a flor .....                                     | 65  |
| Prelúdio .....  | 71  |
| Coral.....  | 75  |
| Nênia .....   | 79  |
| Ressurreição do baile .....                                 | 83  |
| Retorno .....   | 87  |
| Legado .....  | 95  |
| Doutrina.....   | 99  |
| Despedida .....   | 103 |

# APRESENTAÇÃO

**Carlos Eduardo Gonçalves\***

“As noites dos assombros se gravaram nos olhos do menino”

Luiz Augusto, que nasceu em Manaus (1931) e aqui viveu, com raras e fugazes ausências, toda a sua vida. Horizontino Ruas e Emília, seus pais. Primeiras letras obteve-as com sua tia e o primário fez no Farias Brito. A vida, com suas alternâncias de momentos tristes e momentos felizes, temperou o caráter do menino que, mais tarde, se tornou um arguto observador da alma humana e, ainda cedo, fez escolhas pouco comuns em uma criança. Com 11 anos, escolheu o sacerdócio e ingressou no Seminário São José (1943), onde trilhou os seis anos de curso do Seminário Menor.

1949. Seminário Metropolitano de Fortaleza. Curso completo de Filosofia e início do de Teologia. Contato com tendências progressistas da Igreja Católica. Começa a ganhar forma o espírito do sacerdote que estará sempre engajado nos movimentos de vanguarda. Vanguardista firmado em sólida formação filosófica, mas, sobretudo, apoiado em forte personalidade, dotada de rara lucidez.

Teologia, no Seminário do Rio Comprido, Rio de Janeiro. Sua excelente atividade cultural impressionou a comunidade do Seminário que o elegeu presidente do Centro Acadêmico São Tomás de Aquino. O caboclo do extremo norte deslumbrava na capital da cultura brasileira da década de 50.

Enfim, em 31 de outubro de 1954, o sacerdócio. Começa, a partir desse momento, uma militância bastante ampla que vai desde as lides catequéticas até a participação em movimentos políticos. Docência no Seminário Arquidiocesano São José, no Instituto de Educação, Colégio Estadual (Pedro II), Instituto Christus e Faculdade de Filosofia, da qual foi diretor. Ministério Sacerdotal em São Jorge, Educandos, Colônia Oliveira Machado, Remédios, Redenção e Sagrado Coração de Jesus. Cronista na Rádio Rio Mar e em A Crítica e, eventualmente, em outros jornais. Participação política através da militância na AP (Ação Popular). Literatura no Clube da Madrugada (foi membro fundador) e na produção poética e ensaística. Sua cultura leva-o aos Conselhos de Cultura e ao Universitário, onde teve participação efetiva.

O intelectual sobressaiu-se em tudo o que fez e a ânsia do poeta contido, mais aprimorado, aflorava aqui e ali:

*Dos momentos fugazes que me comem  
Nasce, agora, meu canto manso e triste.*

O “*manso e triste*” muitas vezes se confunde com a dor e a revolta, presentes em muitas de suas crônicas e latentes no jornalista que combateu a politicalha e a injustiça social, mas que era capaz de captar, mesmo na imundície, momentos de beleza sutil:

*A égua chega sempre. Chora, às vezes.  
Às vezes, come fezes. Eu a vi  
Comendo, em céu de estrelas, uma rosa.*

L. Ruas tem personalidade forte, inteira. Sua retidão interior sempre se refletiu, desde o início de sua juventude, na limpidez das decisões que tomou.

Pároco, professor, jornalista, crítico de cinema e literário e poeta, pressupõem um homem maduro e sério, para quem a infância ficou no passado. Uma inquestionável maturidade. Contudo, o menino *assombrado* nunca deixou de existir:

*Os Pássaros de assombro! Muito embora  
Eu lute, cante, chore, não consigo  
Tanger-vos dos meus olhos de menino.*

**\*Carlos Eduardo Gonçalves** é professor aposentado da Universidade do Amazonas.



# A POESIA COMO METÁFORA DO SAGRADO

Tenório Telles\*

**I** O modernismo brasileiro é um espelho multifacetado em que se refletem muitas nuances e tons. Entre os seus vários matizes, ou tendências, destaca-se a que tenta resgatar o sentimento do sagrado, denominada por alguns de mística e por outros de religiosa. Os poetas Jorge de Lima, Murilo Mendes, Vinicius de Moraes e, em certo sentido, Cecília Meireles são os principais nomes desse grupo de autores que tentaram, a partir da poesia, estabelecer, pela linguagem, uma conexão do homem com a totalidade, com a esfera transcendental.

É a partir dos anos 30 que essa nova vertente do modernismo começa a tomar corpo, através de um discurso poético com forte conotação cristã. Essa opção pelo místico faz parte de um esforço de articulação do discurso poético com o divino, numa tentativa de recuperação da dimensão espiritual do ser, embrutecido pelo sofrimento, por uma sociedade que o violenta e sufoca.

A poesia desses autores representa, na verdade, uma oposição aos valores de uma sociedade que dava os primeiros passos na senda da modernidade; é uma negação do materialismo desse nosso tempo frio, insensível e racional. Dessa constatação, talvez, tenha surgido o projeto, de Jorge de Lima e Murilo Mendes, de restaurar a poesia em Cristo.

## II

O movimento Madrugada também viveu seus impasses na busca de um discurso poético moderno que expressasse o existir e o sentir do homem no mundo, sem rodeios e subterfúgios. É em meio a essas hesitações e incertezas que vai surgir o discurso dissonante de L. Ruas. O poeta não elege como tema de seu fazer poético a realidade, compreendida enquanto dimensão exterior da existência, tampouco opta por uma postura crítica face aos conceitos e valores de seu mundo provinciano.

Contrariando todas as expectativas, o poeta volta-se para um esforço de recuperação da subjetividade, da sensibilidade, da dimensão espiritual do ser. Esses traços evidenciam nuances neo-simbolistas na obra do autor, mas como bem percebeu a professora Artemis Veiga, da Universidade do Amazonas, na verdade, esses elementos constituem apenas notas dissonantes da linguagem poética moderna, presentes em sua lírica.

O poeta L. Ruas marca sua estréia literária com a publicação, em 1958, de uma das obras mais importantes da literatura amazonense. Trata-se de *Aparição do Clown*, um inquietante livro de poesia. Sim, de poesia, pois trata-se de um único poema, desdobrado em várias seqüências. Aliás, as várias seqüências do poema são a chave para a sua compreensão.

Ao analisarmos a estrutura, percebemos se tratar de um roteiro de iniciação nos mistérios insondáveis da existência. Expressão de suas preocupações místicas, o livro reproduz simbolicamente o itinerário de Cristo na terra, a promessa de redenção do mundo; a busca do homem, um palhaço no palco da vida, à procura de sua verdadeira face, sua tentativa de reencontro com o divino, o sagrado, o que está evidente na segunda seqüência do texto, “discurso”:

*faz mistério palhaço  
e ri teu riso esbandalhado.*

*gargalha palhaço e faz sofrer  
os que contigo riem e sofrem  
e vivem.*

*(...)*

*ninguém entende tua vida mascarado  
que se esconde atrás da cortina  
das pinturas e das vestes.*

*onde está tua face palhaço onde?*

*(...)*

*a estrela pousou – sombra de sonho – em seu ombro  
– venho do céu. vi o mundo nascer. sou como tu eterna.  
sou a mais antiga estrela de todas as estrelas.*

*dou-te todo o meu brilho se disseres  
porque ris tanto se és tão triste assim.*

O poeta faz a crítica do aparente, do que parecemos, do que deixamos de ser. A verdade é que nos encobrimos, escondemos nossa verdadeira face, o que somos, sob as roupas, a maquiagem, os perfumes, talvez por medo de nos contemplarmos no espelho estilhaçado da existência. Diante da impossibilidade de um diálogo transparente com o mundo, o poeta nos aponta a possibilidade de uma ligação com o transcendente, com o divino, o que está simbolizado na conversa da estrela com o palhaço.

A estrela, vendo-lhe a tristeza escondida sob a máscara, pergunta pelo seu riso, que é aparente (quantas vezes nós não escondemos o que verdadeiramente sentimos), oferecendo-lhe o seu brilho. Do diálogo, da confissão sincera de suas dores, resulta a recompensa, o brilho, que não é outra coisa senão uma expressão do divino, do espírito. Apenas a estrela viu a dor interior, a tristeza que consumia o palhaço. A maquiagem, a máscara apenas encobriam a sua infelicidade, a angústia que lhe açoitava a alma. Indiferentes, acreditavam todos na alegria do palhaço, suas cambalhotas, seu riso. Insensíveis e cegos para ver e sentir a dor que lhe dilacerava o ser:

*todos riem somente da face mentirosa  
da escandalosa face que nos ofereces.*

Do encontro entre o palhaço e a estrela surge um diálogo, silencioso, revelador da dor não gargalhada do palhaço, solitário em seu infortúnio, tendo que sofrer e ri ao mesmo tempo, pois

*O destino dos palhaços é fundir  
à luz da lua o alegre riso e o triste pranto.  
O palhaço mira o mundo.*

### III

*Aparição do clown* é um texto repleto de nuances, interrogações, um amplo painel sobre o sentido da vida, uma alegoria sobre a busca de um significado para a existência, alguém a procura de si mesmo. Quem, leitor? O poeta, eu, você, ou o palhaço?

É exatamente o palhaço, essa figura disfarçada, misto de inocência e maldade, que consegue experimentar a mais sublime e dolorosa das experiências, desvelar a existência de seus muitos mistérios. O palhaço projeta-se nos olhos do tempo, refletindo-se no espelho partido da existência e vê-se que

*havia inocência e terror pureza e crime  
em teus olhos abertos para o mundo.*

O palhaço mira-se no espetáculo do mundo, contempla nossa dor e infortúnio, nossa pequenez e covardia diante da indiferença que nos sufoca e mata, pois como diz o poeta:

*tu gargalhas no palco o que choramos na vida.  
embora te odiemos te amamos  
pois te pareces com o menino que somos*

*e com o inferno que não deixamos de ser.  
somos crianças palhaço diante de ti*

E confiança sua fraqueza, sua pequenez diante da vida:

*sou criança que não aprendi ainda  
o que é o belo e o feio  
o pranto e a galhofa.  
o que é ser e o que é não ser.  
pois tu és homem palhaço tu és homem.  
tu és verdadeiramente homem  
pois tu somente revelas o segredo  
honra e vergonha  
que todos ocultamos.*

É preciso deixar de ser máscara para que se comece a ser. Ser homem. Tão somente ser. *Aparição do clown* é a denúncia de nossa apatia, de nossos sentidos obliterados, da superficialidade de nossa percepção, ao que o poeta nos chama a atenção:

*apenas vemos sombras  
sem conhecermos a luz.  
percebemos a chaga  
não tocamos a alma.*

## IV

Ruas realizou o projeto de Murilo Mendes e Jorge de Lima ao estabelecer o encontro da poesia com o divino. O transcendente, o sagrado são signos de seu discurso poético. *Aparição do clown* é a alegoria da escatologia cristã, a promessa de redenção do homem, o que está evidente numa das seqüências do poema, “Coral”:

*vigiai vigiai.  
preparai a veste  
acendei o círio  
acendei a ribalta  
ressuscitai as rosas  
e aguardai no amor  
que o pássaro virá.*

O pássaro ferido (quem é, leitor, o pássaro ferido?) virá, surgirá do azul do firmamento, o rosto reluzente de luz, os olhos cheios de nuvens, a mão estendida sob o vazio, o etéreo. Virá para redimir o homem, curar suas dores, regenerar as feridas ulceradas da alma. Poucos o virão, cegos que estão para o mistério do mundo, da vida. Suas consciências lógicas, os sentimentos racionais, mecânicos. Mas os que esperam o reconhecerão, já pressentem sua chegada:

*o pássaro ferido tem sete bicos  
sete línguas de fogo sete olhos sete chagas.  
tem olhos e não vê. ouvidos e não ouve. está ferido.  
suas asas sangrando sempre banham o mundo inteiro.*

O ser do poeta vive a ansiedade, as hesitações da esperança, o temor, pois *se o pássaro não vier / será a noite sem estrelas*. O poeta inquieta-se, interroga-se, vislumbra, imagina o mundo, o tempo, caso o pássaro não venha:

*mas se o pássaro não vier como será?  
os trigais deixarão cair – inútil esmola –  
os grãos de ouro no chão incandescido.  
as flores murcharão – flores de pedra –  
ponteagudas como espinhos secos –  
as fontes coalharão suas águas  
e teu sorriso morrerá qual fruto podre.*

Súbito, ecoa através do vazio do tempo uma música, corrente de vozes cortando a pele silenciosa, azul do firmamento. Poucos ouvirão o ribombar dos raios, as vozes dos anjos preludiando o vôo do pássaro ferido sobre a face do mundo. Desce das nuvens. Ouve-se a sua voz suave e generosa, a luz que emana dos seus olhos vívidos, cheios de promessa e felicidade. Não será, talvez, o pássaro azul? O poeta o presente:

*mas*

*escuta*

*que vozes serão essas?*

*de onde vêm? para onde vão?*

*olha.*

*as flores ressuscitam.*

*olha.*

*as estrelas se acendem.*

*olha o mar. olha a estrela de basalto e ouro*

*olha.*

*não vês ó triste cego o deserto re florido*

*e as amendoeiras do japon e as borboletas?*

**V**

*Aparição do clown* é uma transfiguração do martírio de Cristo, também dos homens. A existência humana não deixa de ser um campo de proações para aqueles que intentam um diálogo com o infundável, com o ser do mundo, com a totalidade. L. Ruas, em *Aparição do clown*, fez a confissão da dor, da ânsia que esmaga o ser, evidência da sua procura de um sentido para a vida. O poeta se realiza no divino, no sagrado:

*sou cativo do pássaro ferido*

*pois ouvindo sua lenda e seu martírio*

*por legado recebi este desejo*

*e da estrela tornei-me companheiro.  
ó poeta não queiras pois é morte  
e cativoiro conhecer a face do palhaço.*

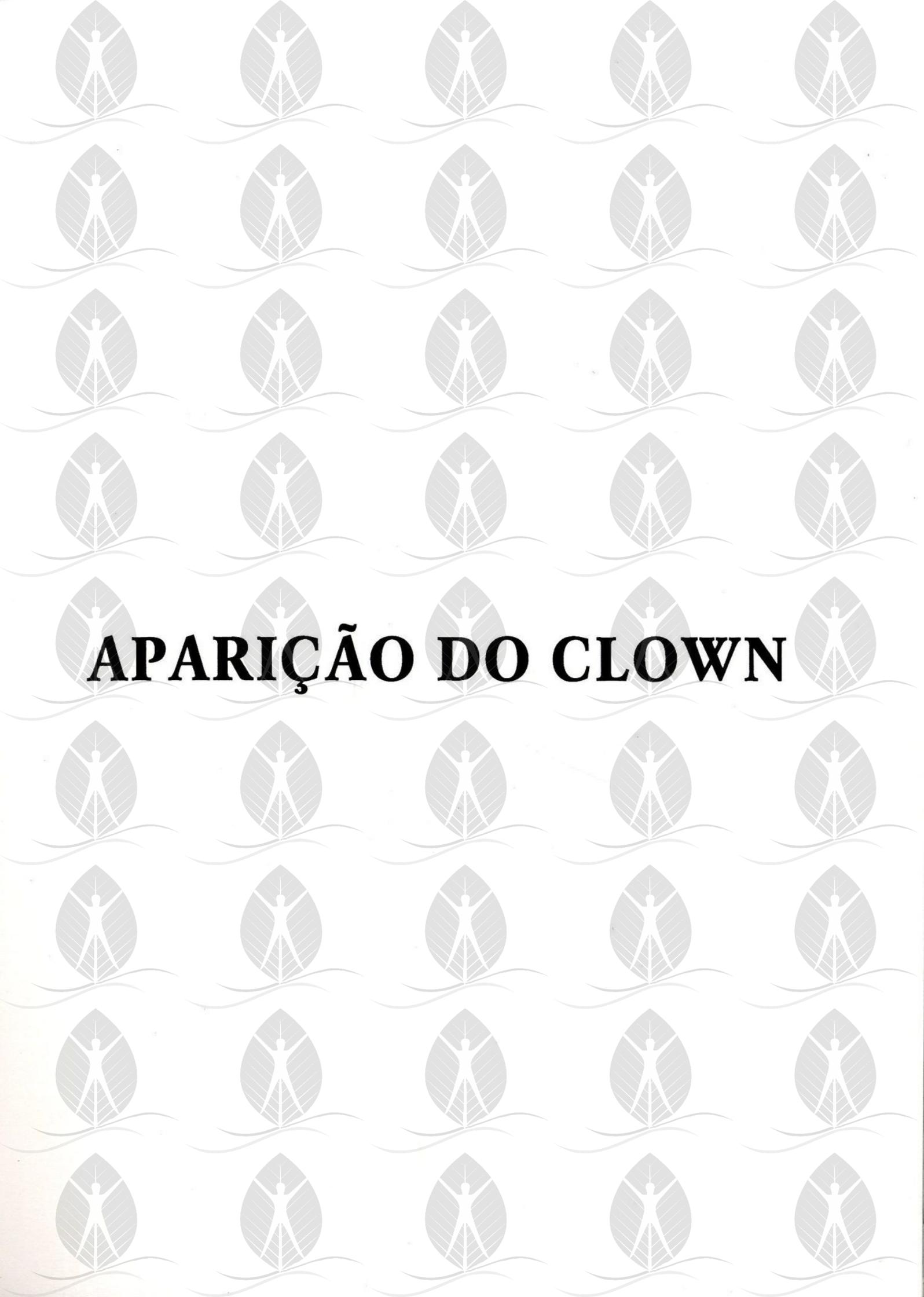
O livro é a descrição transfigurada, o itinerário de sua busca, de sua iniciação nos mistérios do pássaro ferido. A afirmação de sua fé no milagre da redenção do homem. Sua reconciliação com o inefável, com Deus, com o pássaro ferido. Então, depois de tudo consumado, o velho clown, palhaço do mundo, partiu

*... beijando ainda  
o brinquedo que a criança abandonara  
no velho palco parque ou tempo sem memória.*

Fica para você, leitor, o desafio de responder as duas perguntas lançadas pelo poeta:

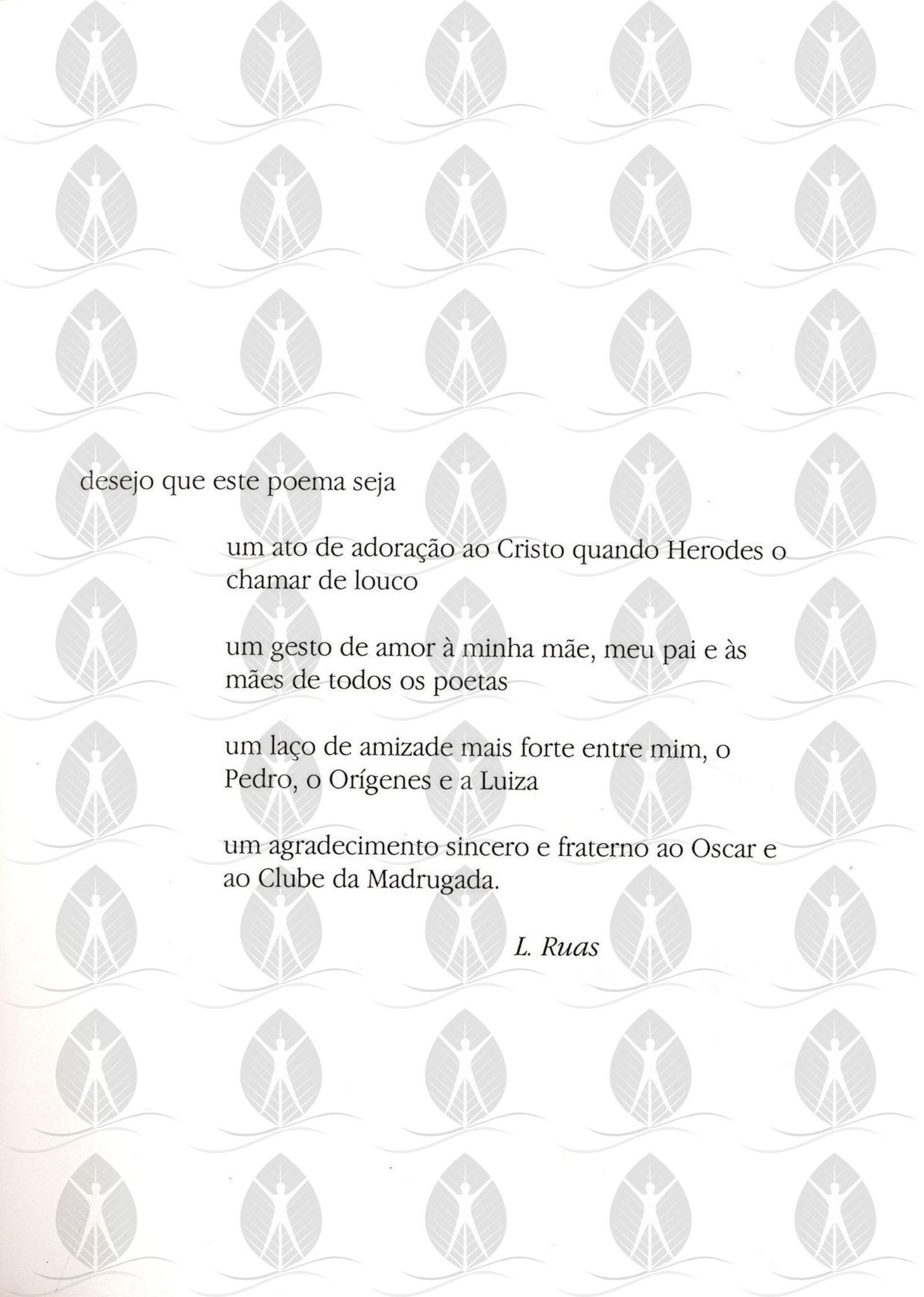
*apagaram-se as luzes?  
ou as rosas morreram?*

\***Tenório Telles** é professor de Literatura Brasileira, ensaísta, autor do CD-ROM *O Amazonas em sua Literatura* (1996) e da peça *A Derrota do Mito* (1997).



# APARIÇÃO DO CLOWN





desejo que este poema seja

um ato de adoração ao Cristo quando Herodes o  
chamar de louco

um gesto de amor à minha mãe, meu pai e às  
mães de todos os poetas

um laço de amizade mais forte entre mim, o  
Pedro, o Orígenes e a Luiza

um agradecimento sincero e fraterno ao Oscar e  
ao Clube da Madrugada.

*L. Ruas*





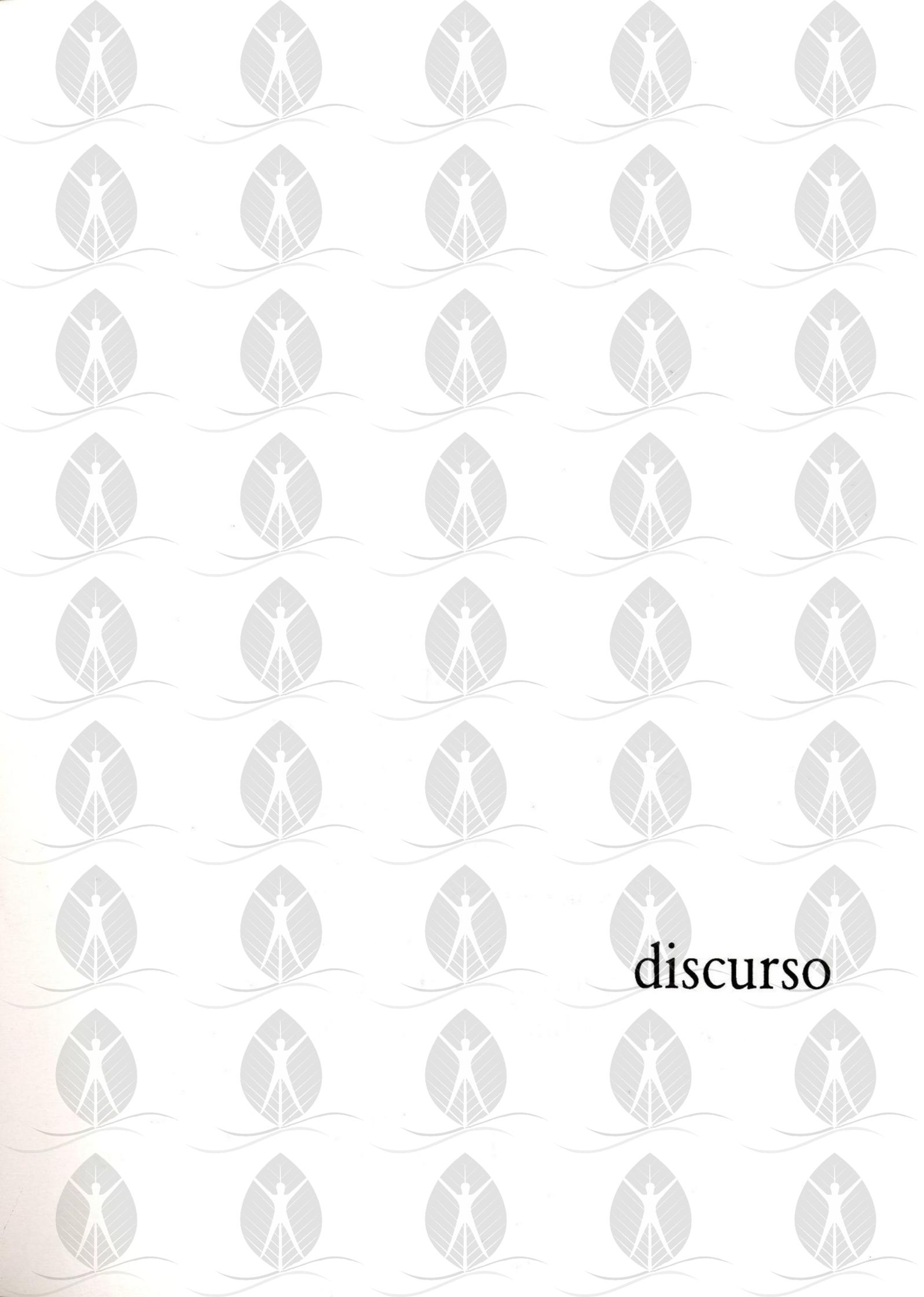
descoberta



foi no tempo do luar pois não existe sol  
no velho parque – tempo não maduro –  
que encontrei o sempiterno clown.  
queria ver-lhe a face. e sua face  
era imenso lago azul parado  
onde a lua se repetia. lua.  
queria ver seu corpo – um chafariz  
era seu corpo de barro modelado  
aljofrando de estrelas e de pérolas  
o céu e o chão banhados em azul.  
apenas vi o velho clown beijando  
uma boneca. e beijando-a chorava.  
e ria ao mesmo tempo que  
o destino dos palhaços é fundir  
à luz da lua o alegre riso e o triste pranto.

e vendo ser inútil o meu esforço  
de descobrir integralmente o clown  
eu suplicante lhe falei assim





discurso



faz mistério palhaço  
e ri teu riso esbandalhado.  
gargalha palhaço e faz sofrer  
os que contigo riem e sofrem  
e vivem.

canta a tua ideologia tirânica  
ó clown sentenciado  
para fazer chorar os que riem.  
ninguém entende tua vida mascarado  
que se esconde atrás da cortina  
das pinturas e das vestes.

onde está tua face palhaço onde?  
além do além do horizonte  
nas nuvens ou atrás da máscara?  
onde está teu riso palhaço onde?  
no pranto que improvisas  
ou na dor que não gargalhas?  
palhaço.

interrogação verde no cenário de carmim.  
palhaço. olha o palhaço.

havia inocência e terror pureza e crime  
em teus olhos abertos para o mundo.  
luzes.

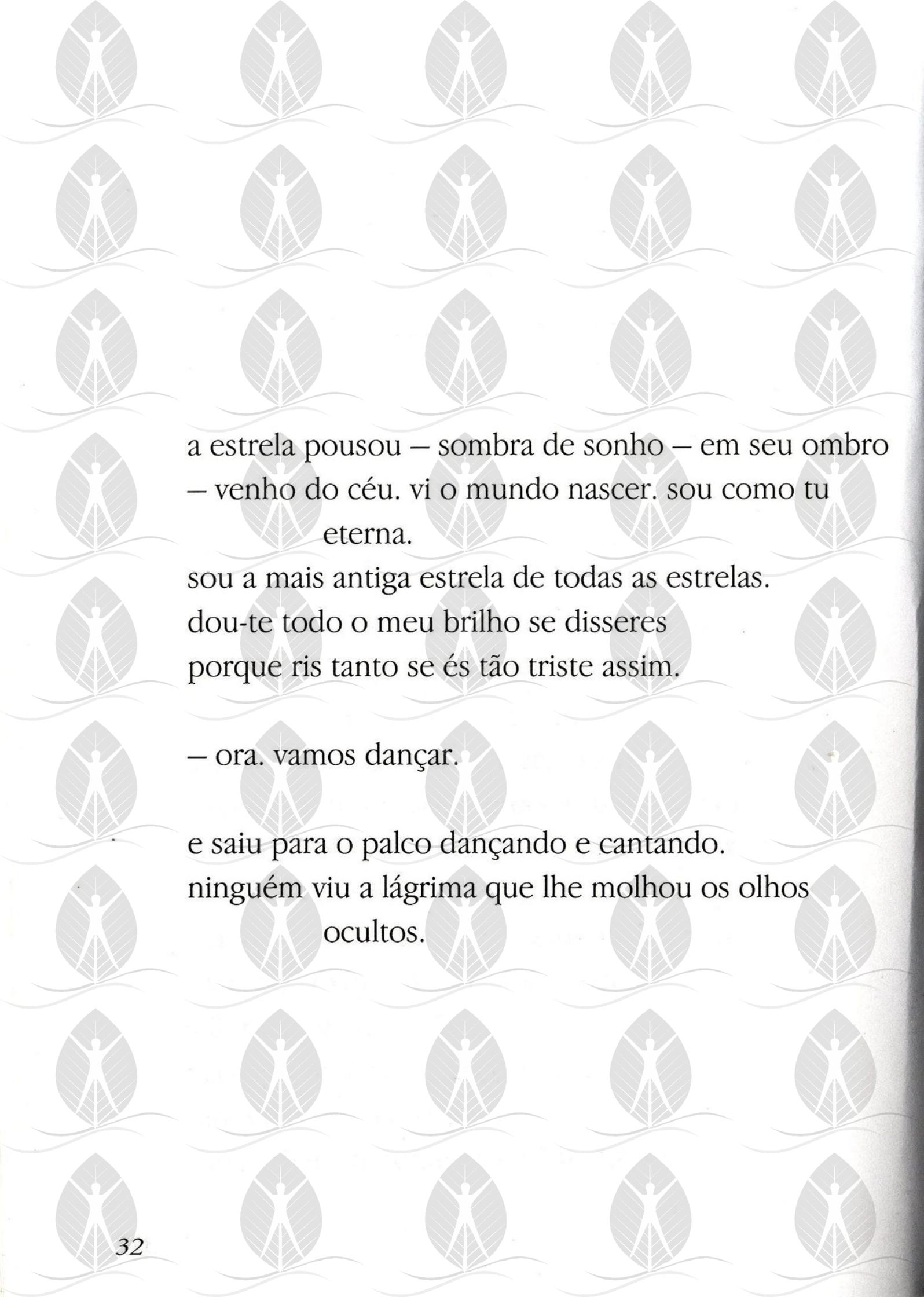
as luzes da ribalta não revelam  
o que não dizem também

nem as cores nem os saltos nem as cambalhotas  
que fazes no trapézio longínquo.  
palhaço. quem já viu tua face  
tua única face?  
aquela que não é partida  
aquela que não é pintada?  
quem já beijou tua boca verdadeira?  
as bailarinas beijam a boca mentirosa  
a que canta a que ri a que chora  
mas ninguém beijará o teu silêncio.  
e tuas mãos palhaço tuas mãos rosas  
tuas mãos disfarces que nos enganam e alegram.  
a bailarina lhe disse chorando – eu te amo.  
ele riu. palmas. a cortina cerrou-se.  
e se vestiu de nobre e deu esmola  
para encobrir de seda e ouro o adultério.  
palhaço. ri teu riso e oferece-nos teu almoço.  
dá-nos o ridículo banquete onde comemos  
rosas e suspiros e sorrisos.  
e deixa-nos sonhar depois e depois chorar  
tudo aquilo que não nos revelaste  
a flor ainda em botão  
não desabrochada não vituperada.  
ninguém te vaia palhaço  
todos riem somente da face mentirosa

da escandalosa face que nos ofereces  
dizendo que é vinho.

todos beberiam porém teu sangue  
seiva das árvores água dos rios lama das sarjetas  
e comeriam tua carne que não ofereces.

carne de elefante néctar de bonina alma de passarinho.



a estrela pousou – sombra de sonho – em seu ombro  
– venho do céu. vi o mundo nascer. sou como tu  
eterna.

sou a mais antiga estrela de todas as estrelas.  
dou-te todo o meu brilho se disseres  
porque ris tanto se és tão triste assim.

– ora. vamos dançar.

e saiu para o palco dançando e cantando.  
ninguém viu a lágrima que lhe molhou os olhos  
ocultos.

palhaço.

flor-de-lis onde bimbam chocalhos.

inocência e maldade água e sangue

azul e preto

lama e sapo.

ri palhaço que ansiamos por te ver no picadeiro

árvore estranha esquisita flor

não sabemos de que país ou de que planeta.

de onde vens palhaço? quê nos queres dizer?

fala que te espiamos cientista da vida.

tu gargalhas no palco o que choramos na vida.

embora te odiemos te amamos

pois te pareces com o menino que somos

e com o inferno que não deixamos de ser.

poeta de risos e de cabriolas

diametralmente opostas

teus trejeitos são a mais perfeita rima

que já encontrei para os poemas

que não escreverei.

somos crianças palhaço diante de ti

sou criança que não aprendi ainda

o que é o belo e o feio

o pranto e a galhofa.

o que é ser e o que é não ser.

pois tu és homem palhaço tu és homem.

clown desengraçado



bicho fantasiado de deus  
em quem não assentam  
nem  
rabo de macaco  
nem  
auréola de arcanjo.  
tu és verdadeiramente homem  
pois tu somente revelas o segredo  
honra e vergonha  
que todos ocultamos.  
palhaço dos anjos e dos homens  
mito de farsa e de verdade  
palco e vida  
gargalhada e pranto  
seres partidos  
dois olhos  
duas pernas  
duas mãos  
paralíticos  
cegos e loucos.  
apagaram-se as luzes?  
ou as rosas morreram?

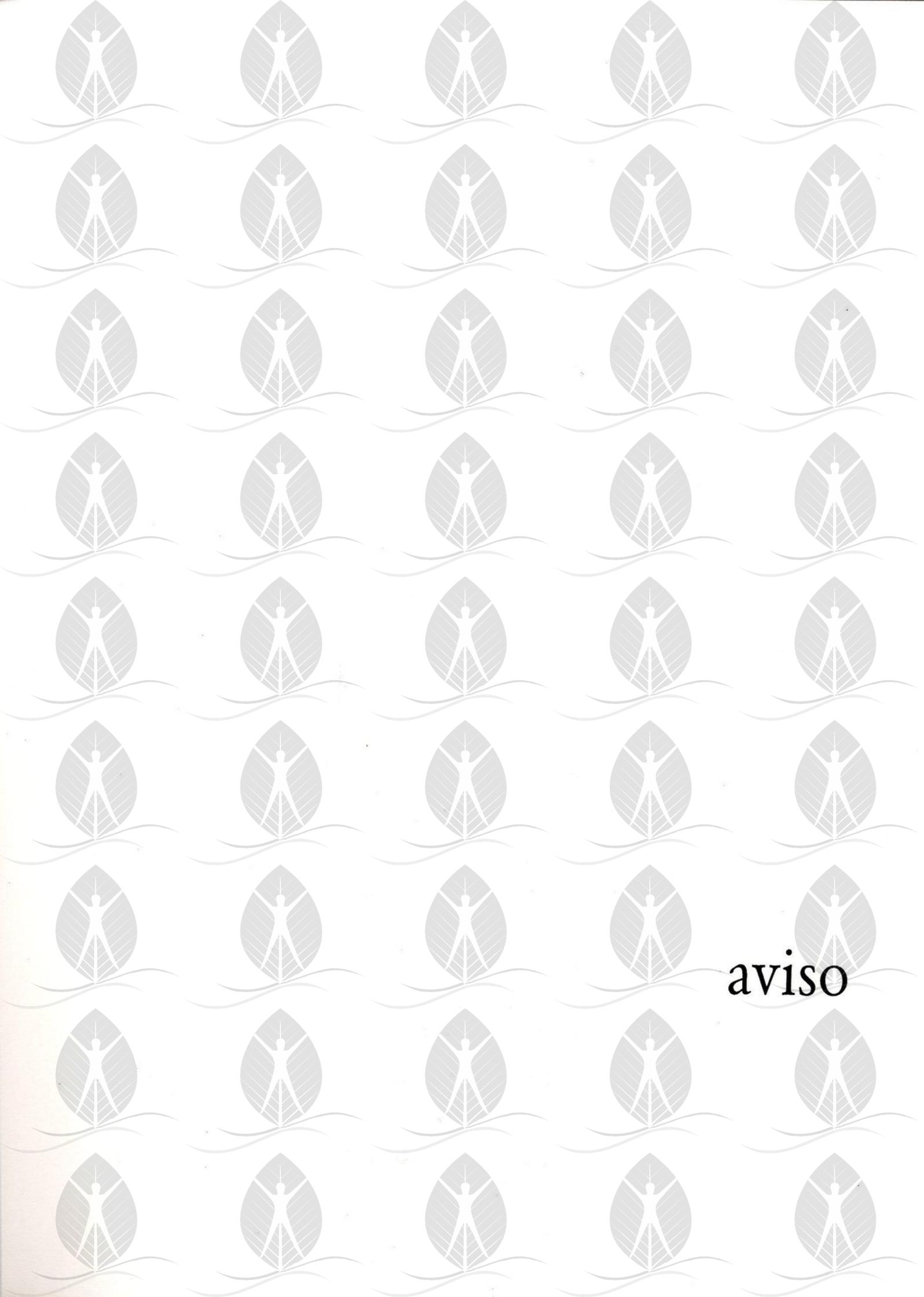


resposta



apenas vemos sombras  
sem conhecermos a luz.  
percebemos a chaga  
não tocamos a alma.  
brasa em negro fogo consumida  
semente bipartida.  
julgas possuir toda ciência  
se sabes rir apenas  
quando é preciso rir  
é mister no entanto descobrir  
que também no muito riso há pranto.  
a máscara sustém dois olhos  
um é cego porém. de fato  
só um olho vê. por isso  
conheces silhuetas  
e não a dimensão total  
aquela dimensão que  
por ser transdimensional  
entre todas  
é mais constante e mais real.  
a caverna de platão.  
que sabes das rosas renascidas?  
das estrelas em luz desfalecidas?  
da liberdade e do amor?  
ser livre em essência é ser cativo.





aviso



quando vires o pássaro ferido  
vagando antes que surja a madrugada  
não o tanjas nem o chames  
deixa-o voar. não te ~~apiades~~  
deixa o pássaro voar.

ele comeu a estrela  
e conserva no desenho do seu vôo  
as dimensões incontidas

dos humildes gestos perdidos para sempre.  
não chames o pássaro ferido.  
não te ouvirá pois não sabes os seus nomes.

e ninguém há de estancar o vôo  
que jorra eternamente  
de suas vísceras fecundadas  
pela essência intocada da estrela  
sua prisioneira e amor.

uma estrela de fogo e de basalto.  
de basalto e fogo, não esqueças.

e o pássaro mais ferido pela luz  
do que pelas cinco pontas da estrela  
sempre voará.

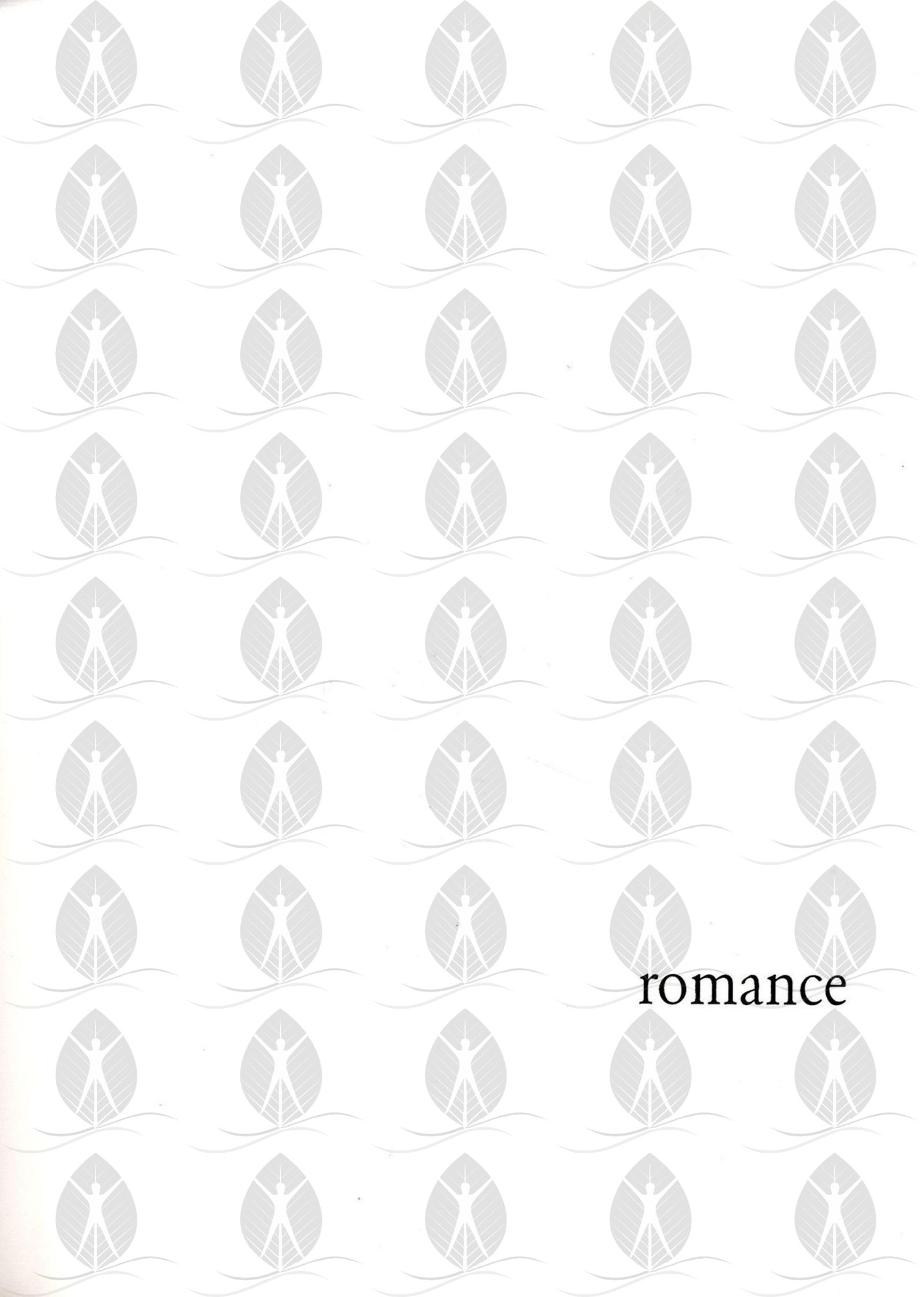
deixa o pássaro voar. quando ouvires  
o tatarar – apenas ritmo – cansado  
mas não vencido  
de suas penas molhadas de arrebol

deixa o pássaro voar. não tentes  
prendê-lo. a ilusão é mais mortífera  
do que a desesperança.  
o pássaro é essencialmente livre  
muito embora suas penas estejam prenhes  
de luz e sangue misturados.  
se vires por acaso o pássaro voando  
não o chames para o teu silêncio  
pois o pássaro é muito bom — é bom demais —  
para que tu sombra e demência  
o possas possuir.

nem te deixes seduzir pelo seu canto  
que o canto das sereias de ulisses  
diante do cantar do pássaro ferido  
é apenas ritmo — apenas esboçado.  
mas não odeies o pássaro  
ama-o de longe. pois é forte  
apenas um amor de morte.

puccini ouviu o pássaro cantar.  
e eu também eu palhaço o ouvi.  
ouvi sua lenda e seu martírio  
a tortura da estrela e saí  
no ontem no hoje e no amanhã  
a procurá-lo.

fruto do bem e do mal.



romance



a estrela de fogo e de basalto tem cinco  
chifres e se parece com a rosa.  
de sangue.

aberta ferida gotejante  
no peito espalmado e branco deste pássaro em vôo.  
de ouro e de basalto.

de basalto da etiópia e de neve da antártida.  
quando o pássaro raptou a estrela  
ela estava sendo devorada por um peixe.

que adianta mais? ser comida por um peixe  
ou amada por um pássaro. ser ou não ser comido.  
esta é a questão. hamlet tinha razão.

para além para muito além de todo sonho  
o pássaro levou a estrela devorada  
e mais alto do que as águias o pássaro voou.  
mas quando o pássaro quis partir  
para a aventura sem rota

por mares nunca antes navegados  
por espaços nunca antes habitados  
para plantar no barro e na luz

um reino instável e efêmero  
onde imperaram

o gênio, a arte, a poesia e a flor  
foi então que nasceu o mais profundo humor —

— o pássaro devorou a estrela  
e a estrela o pássaro gerou. o palhaço dos homens.





martírio



a serpente a maçã a figueira e o lírio  
todos cantaram pela voz do pássaro  
nascido prometeu.

não prometeu acorrentado um dia  
no deserto e na montanha.

prometeu não morre é apenas devorado.  
continuamente devorado prometeu continuamente vivo.  
comem-lhe o sexo e a alma

a carne e o sangue e prometeu não morre  
prometeu acorrentado um dia  
do amor na eterna penedia.

o amor nos prende e nos tortura. mas não mata.

o pássaro ferido tem sete bicos

sete línguas de fogo sete olhos sete chagas.

tem olhos e não vê. ouvidos e não ouve. está ferido.

suas asas sangrando sempre banham o mundo inteiro.

às vezes é de mansinho que eles chegam

os sete amores filhos do amor.

agapé feriu eros letalmente. terminou a comédia.

júpiter destronado. mas beethoven está cantando.

ou é o pássaro ferido?

os trigais estão maduros para a ceifa.

que importa a primavera?

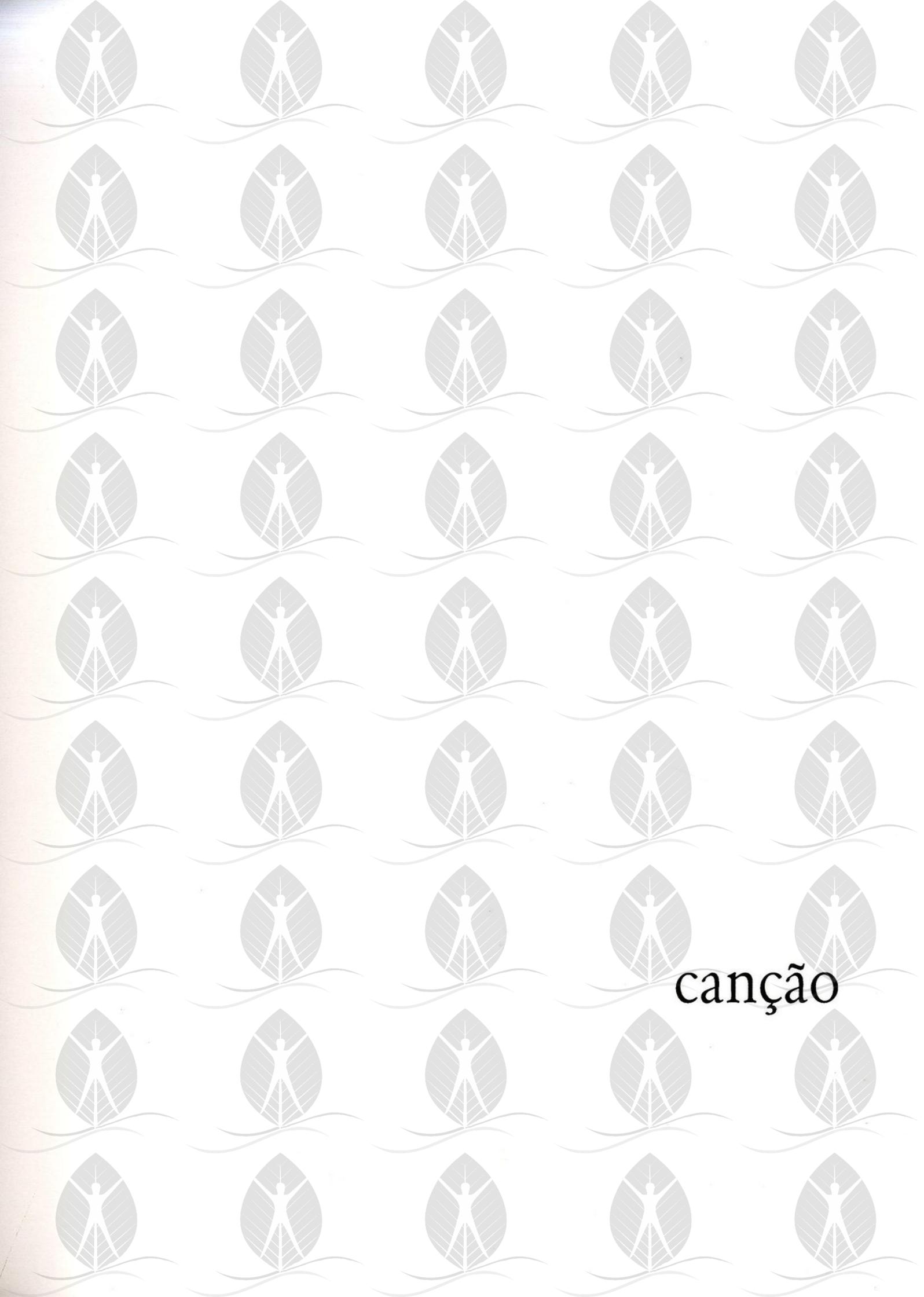
mefistófeles zombou do doutor fausto

e o venceu. mistério e luz.

ouve o pranto da estrela solitária

que se desfaz em canto.





canção





se eu chorasse  
estas sombras  
e estes símbolos  
morreriam

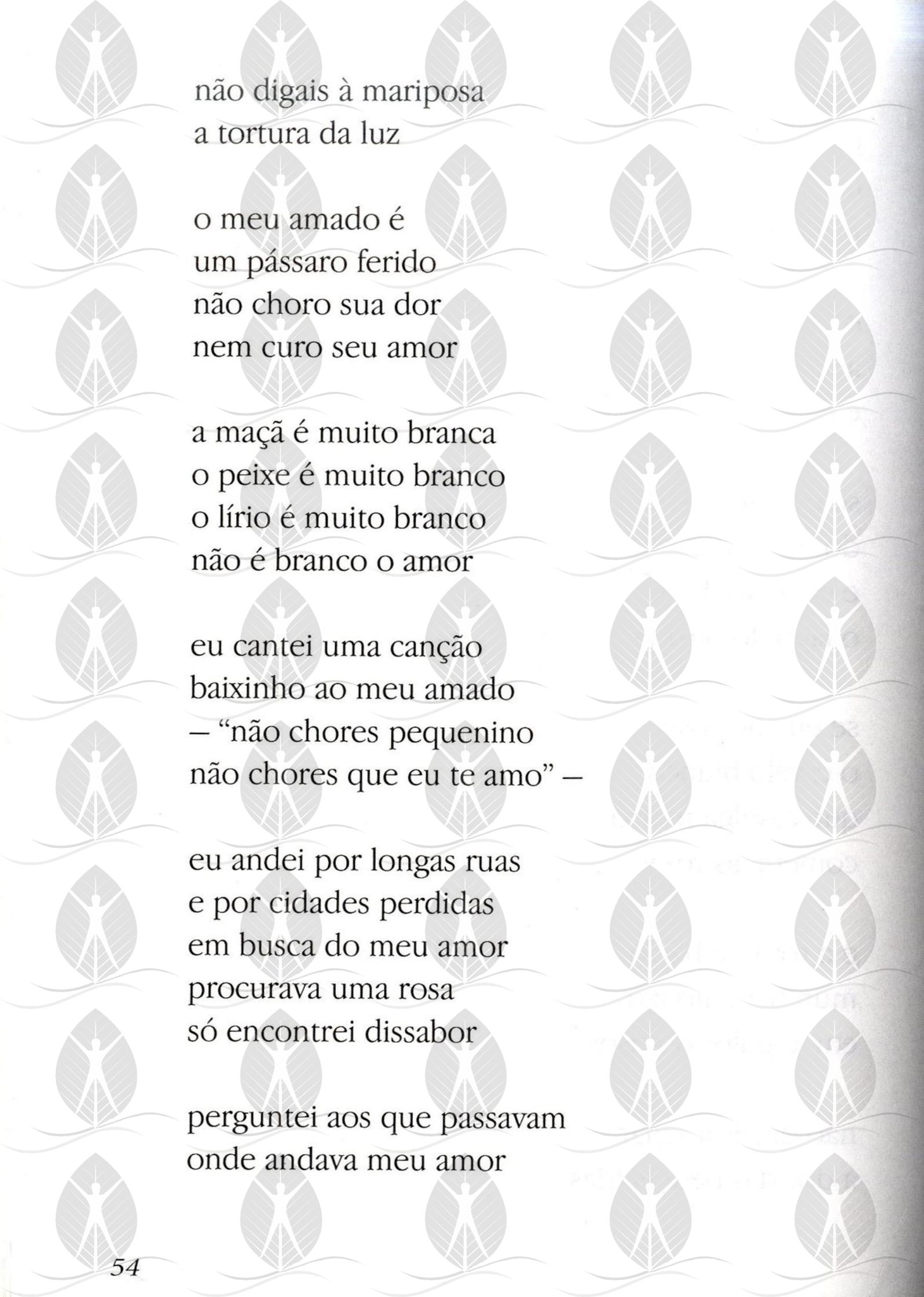
os diamantes quebrariam  
as arestas  
e os vulcões se extinguiriam

se eu chorasse  
dormiria logo  
e cedo sonharia  
o lago dos cisnes

se eu chorasse  
o cavalo branco  
que cavalga morto  
comeria as rosas

e a rosa de barro  
murcharia no jarro  
em ângulos obtusos

não digais ao mar  
a dor das pedras frias



não digais à mariposa  
a tortura da luz

o meu amado é  
um pássaro ferido  
não choro sua dor  
nem curo seu amor

a maçã é muito branca  
o peixe é muito branco  
o lírio é muito branco  
não é branco o amor

eu cantei uma canção  
baixinho ao meu amado  
– “não chores pequenino  
não chores que eu te amo” –

eu andei por longas ruas  
e por cidades perdidas  
em busca do meu amor  
procurava uma rosa  
só encontrei dissabor

perguntei aos que passavam  
onde andava meu amor



mas todos olhavam atentos  
para as mãos de um senhor  
que fazia jogos engraçados  
e ninguém me respondeu  
onde estava meu amor

eu andei por teus caminhos  
em busca do meu amor  
os palhaços tristemente  
despetalavam uma flor.





viagem



foi então que cheguei ao cais  
e as barcaças estavam todas  
amarradas ancoradas.

caronte me disse amargamente  
— “não voltarão mais nem dante nem virgílio.  
nem será dado a orfeu

ir salvar eurídice  
a passagem está vedada  
e as barcaças ancoradas

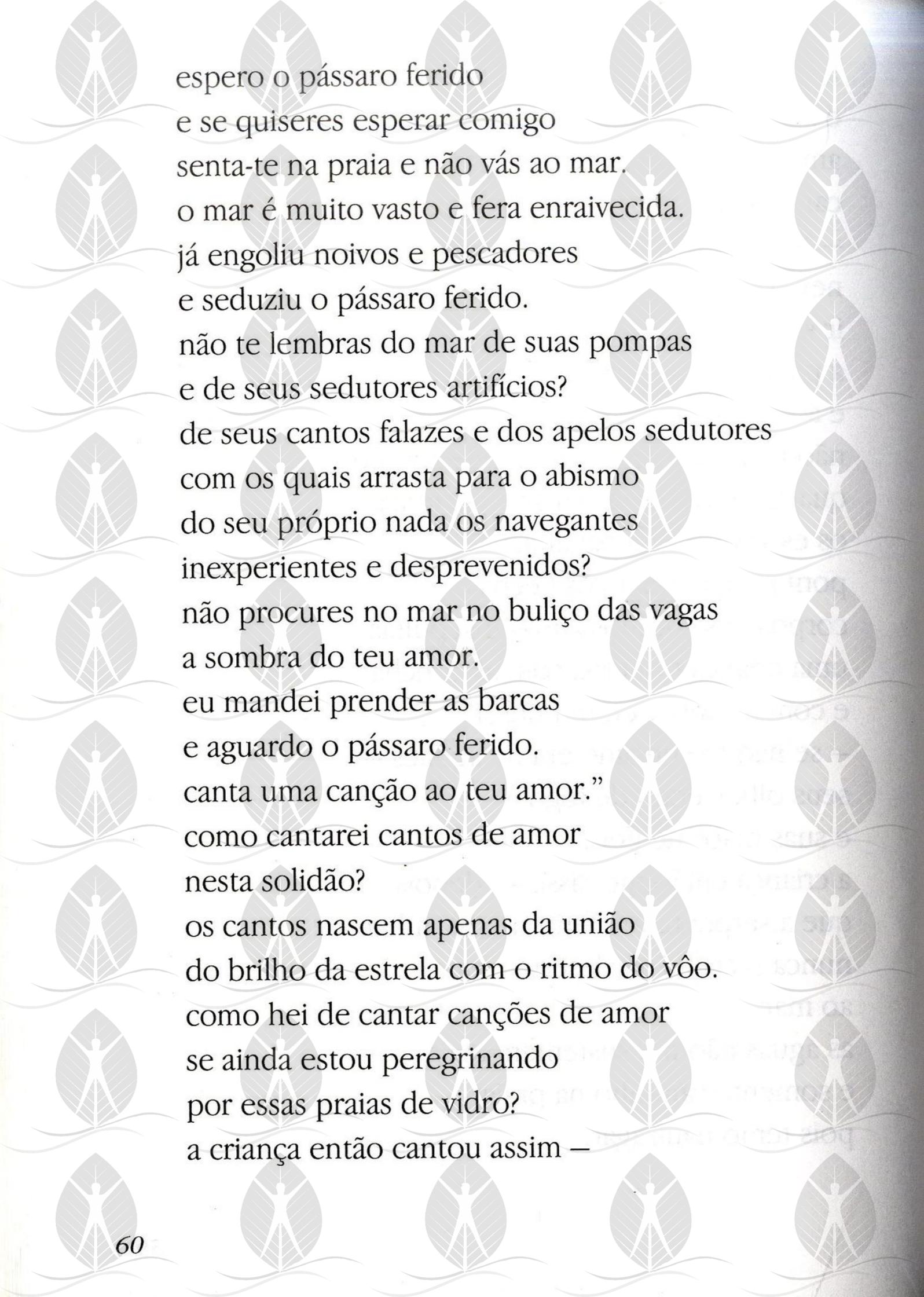
não mais navegarão por mares ignotos” —  
quando olhei para o mar vi na praia  
os escombros da batalha.

pontas de lança arcos flechas  
corpos destroçados almas insepultas.  
uma criança brincava com as conchas  
e com a caveira de um herói

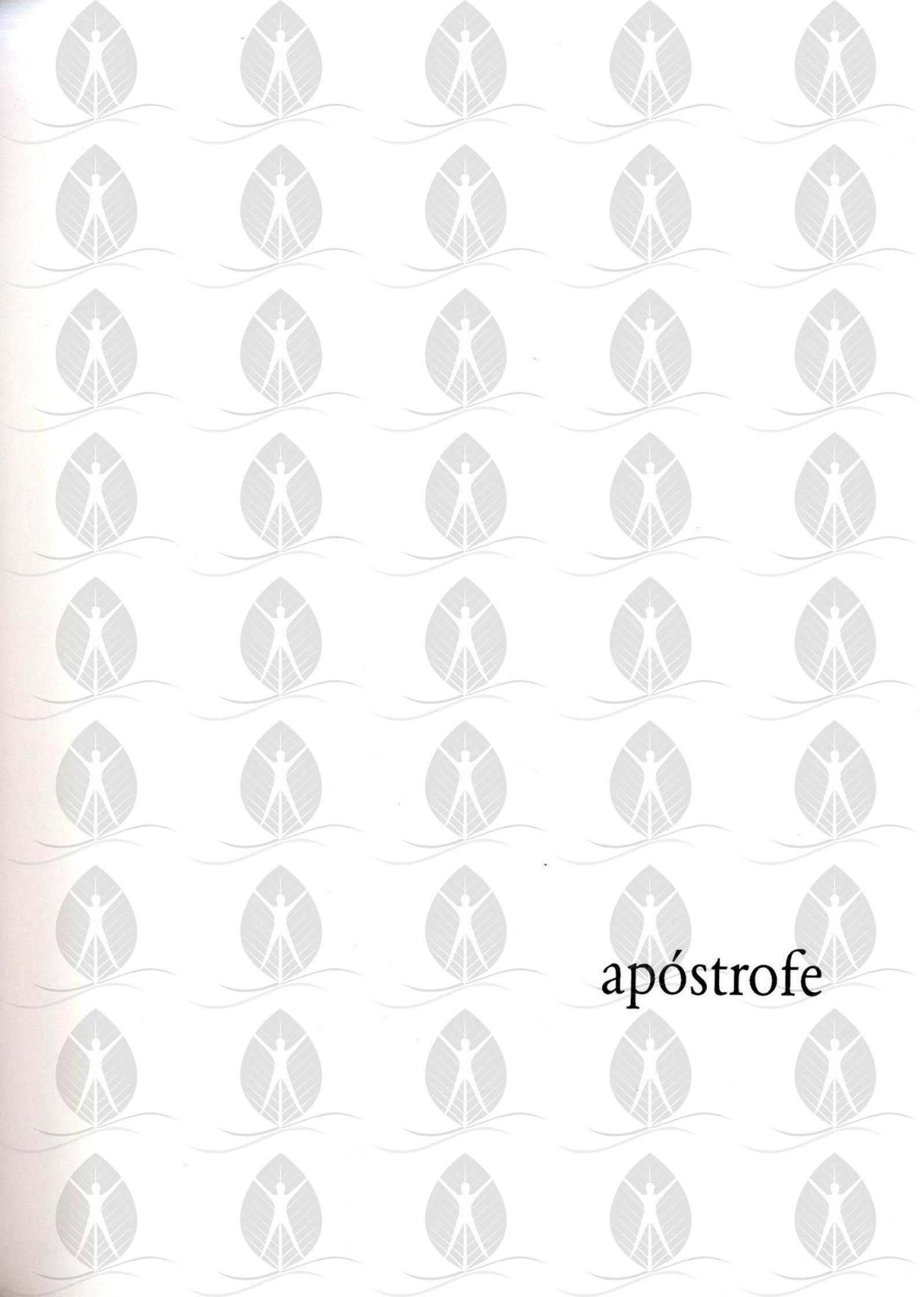
— se não me engano era de aquiles —  
seus olhos eram de fogo  
e suas mãos de lírio.

a criança então me disse — “depois  
que a serpente me feriu no calcanhar  
nunca mais fui ao deserto nem  
ao mar.

as águas não me sustentam mais  
e somente caminho na praia  
pois temo naufragar.



espero o pássaro ferido  
e se quiseres esperar comigo  
senta-te na praia e não vás ao mar.  
o mar é muito vasto e fera enraivecida.  
já engoliu noivos e pescadores  
e seduziu o pássaro ferido.  
não te lembras do mar de suas pompas  
e de seus sedutores artifícios?  
de seus cantos falazes e dos apelos sedutores  
com os quais arrasta para o abismo  
do seu próprio nada os navegantes  
inexperientes e desprevenidos?  
não procures no mar no buliço das vagas  
a sombra do teu amor.  
eu mandei prender as barcas  
e aguardo o pássaro ferido.  
canta uma canção ao teu amor.”  
como cantarei cantos de amor  
nesta solidão?  
os cantos nascem apenas da união  
do brilho da estrela com o ritmo do vôo.  
como hei de cantar canções de amor  
se ainda estou peregrinando  
por essas praias de vidro?  
a criança então cantou assim —



apóstrofe





em vão hás de voar pássaro triste  
buscando o fruto verde não sepulto  
nas praias naufragadas onde existe  
a concha nacarada – peixe inculto

além de tuas patas espalmadas  
o mar é brisa calma e mata bruta  
as asas que se abrem limitadas  
mergulham sem tocar na doce fruta

em curvas linhas retas canto e arte  
te vejo entre o céu e o barro forte  
comendo espaço e tempo sul e norte

buscando em vão o fruto que te farte.  
quem sabe? pode ser que noutros mares  
sacies teu desejo. é bom tentares.

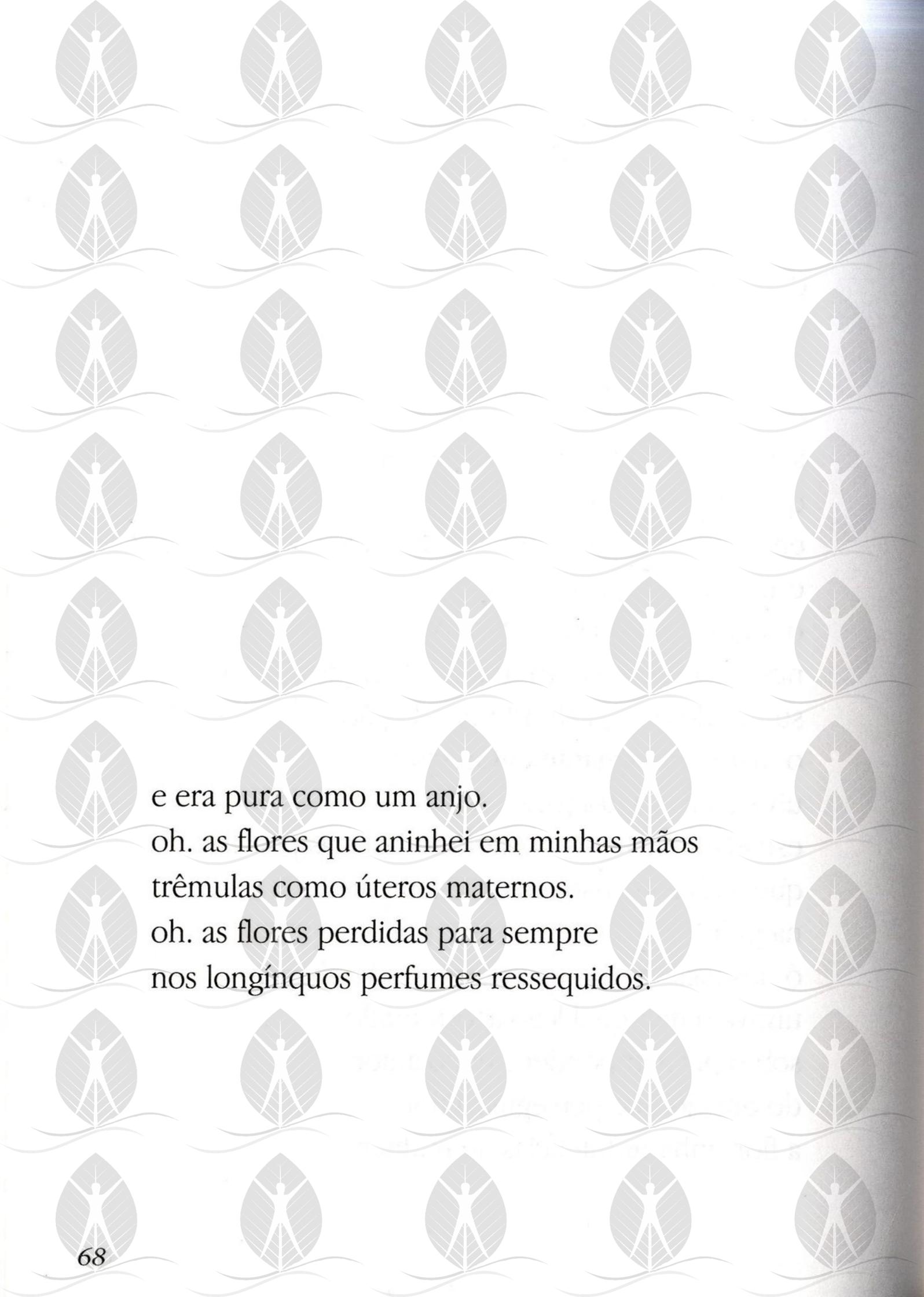




o dragão e a flor



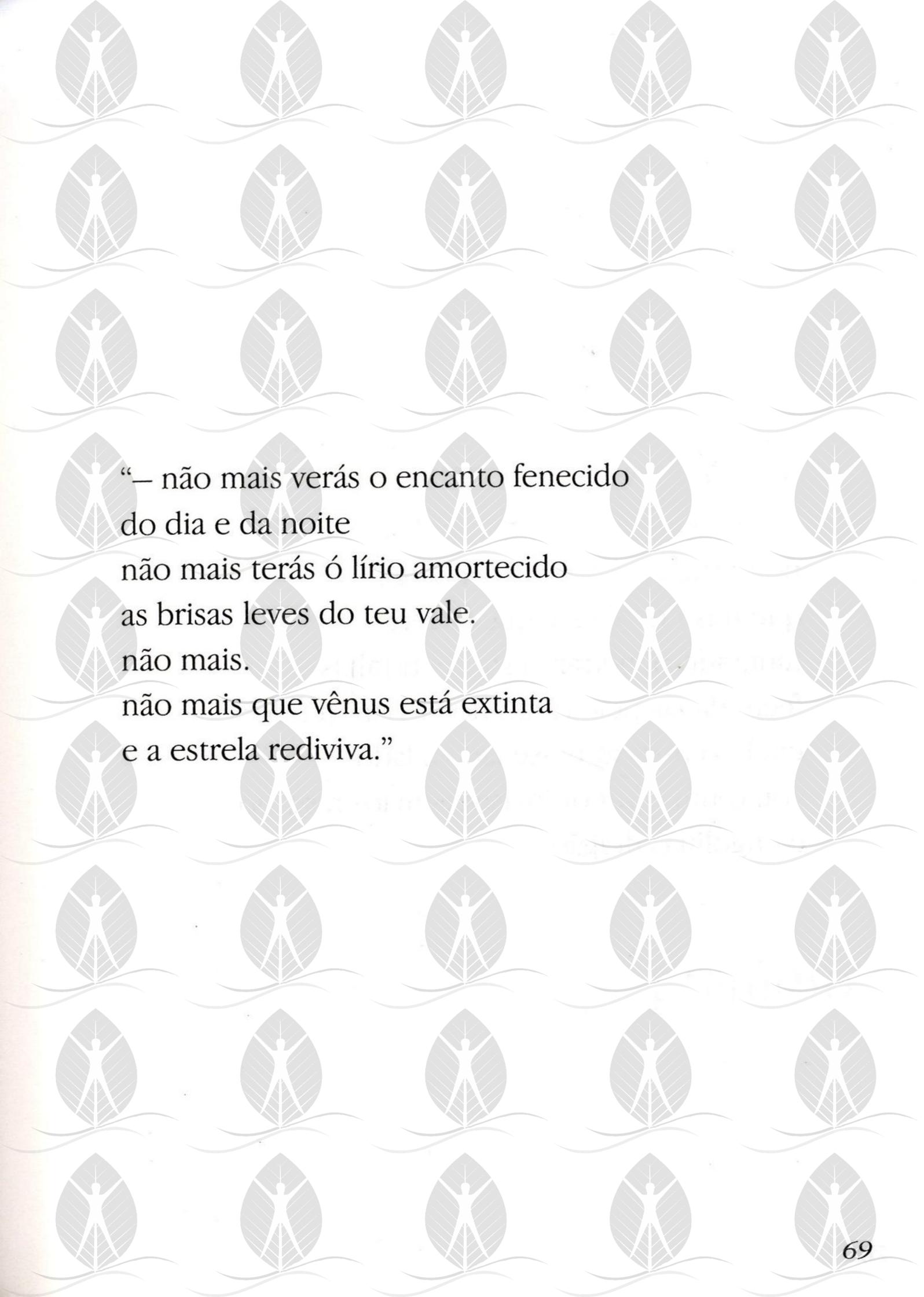
vi que a criança fabricava  
uma espada que cortava suas mãos.  
perguntei-lhe – porque fazes esta espada?  
respondeu-me – é para matar o cordeiro  
que será servido no banquete  
do encontro da estrela com o pássaro.  
o mar tranqüilo e frio como o desamor  
a praia de vidro. caronte preso.  
cupido sem flechas na aljava  
a antiga simetria de vênus lamentava  
que a beleza da estrela avantajava.  
então compreendi porque a esperar  
estava a criança tão sozinha  
o regresso do pássaro ferido.  
neste momento entre fumo e fogo de inferno  
surgiu do mar profundo um dragão.  
o mar como gigante enfurecido  
uivava em contorções  
espadanando seus peixes e todas suas pérolas  
que vinham espatifar-se loucamente  
na polida face da praia de cristal.  
ó desencanto das palavras que não chegam.  
uivava o mar qual leão acorrentado  
sob o peso imponderável do amor  
do dragão que perseguia a flor.  
a flor tinha redolências de mulher



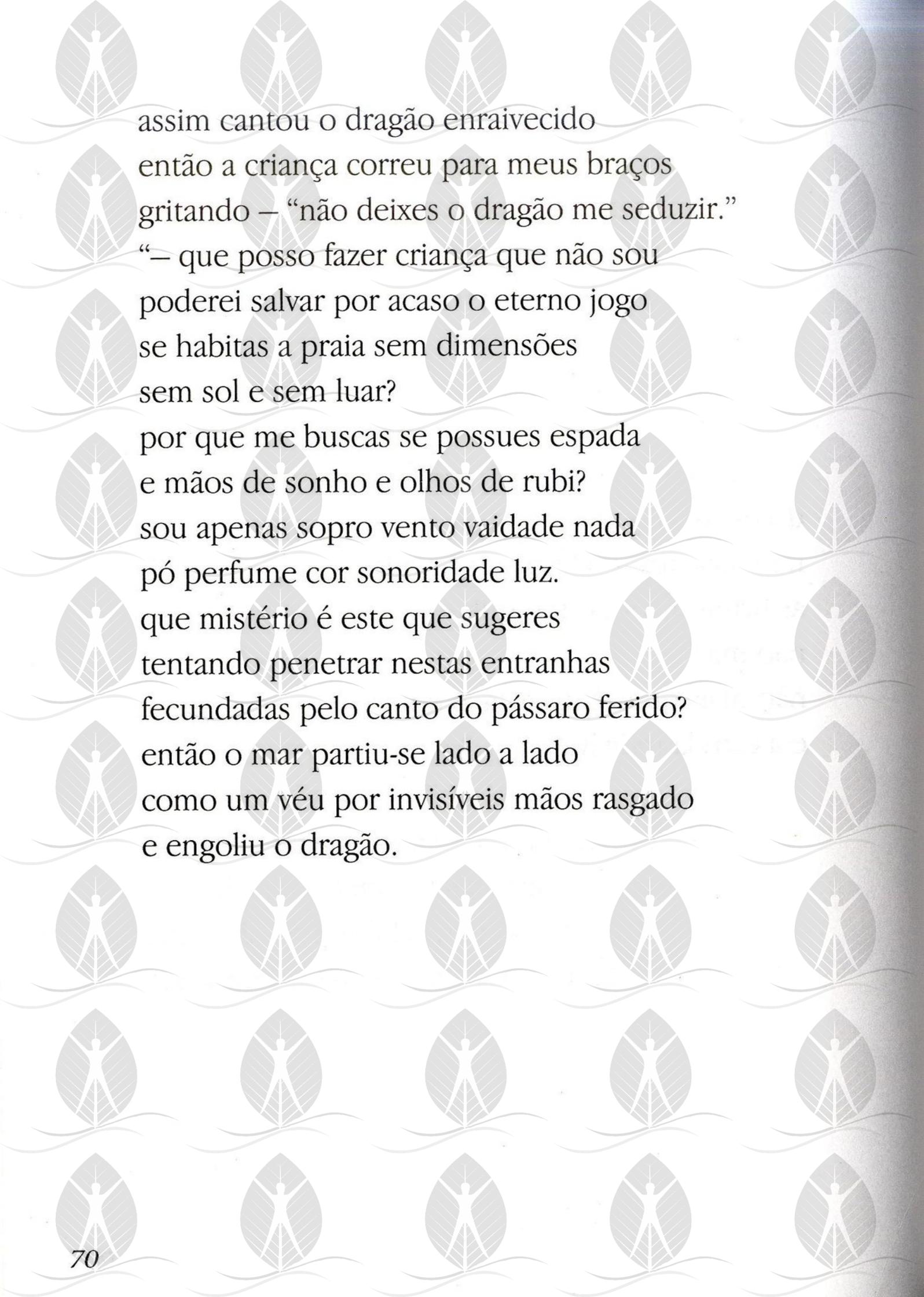
e era pura como um anjo.

oh. as flores que aninhei em minhas mãos  
trêmulas como úteros maternos.

oh. as flores perdidas para sempre  
nos longínquos perfumes ressequidos.



“— não mais verás o encanto fenecido  
do dia e da noite  
não mais terás ó lírio amortecido  
as brisas leves do teu vale.  
não mais.  
não mais que vênus está extinta  
e a estrela rediviva.”

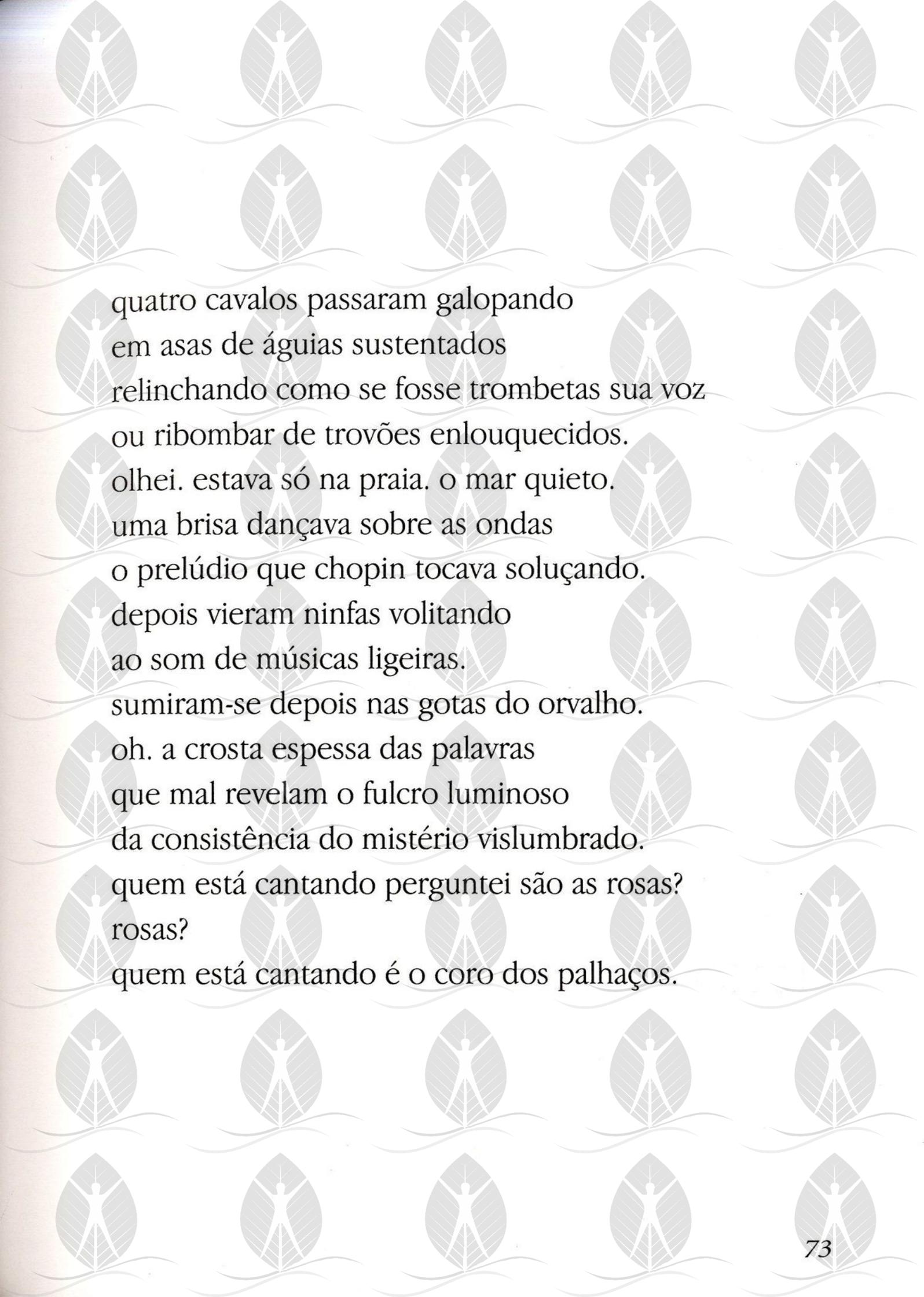


assim cantou o dragão enraivecido  
então a criança correu para meus braços  
gritando – “não deixes o dragão me seduzir.”  
“– que posso fazer criança que não sou  
poderei salvar por acaso o eterno jogo  
se habitas a praia sem dimensões  
sem sol e sem luar?  
por que me buscas se possues espada  
e mãos de sonho e olhos de rubi?  
sou apenas sopro vento vaidade nada  
pó perfume cor sonoridade luz.  
que mistério é este que sugeres  
tentando penetrar nestas entranhas  
fecundadas pelo canto do pássaro ferido?  
então o mar partiu-se lado a lado  
como um véu por invisíveis mãos rasgado  
e engoliu o dragão.



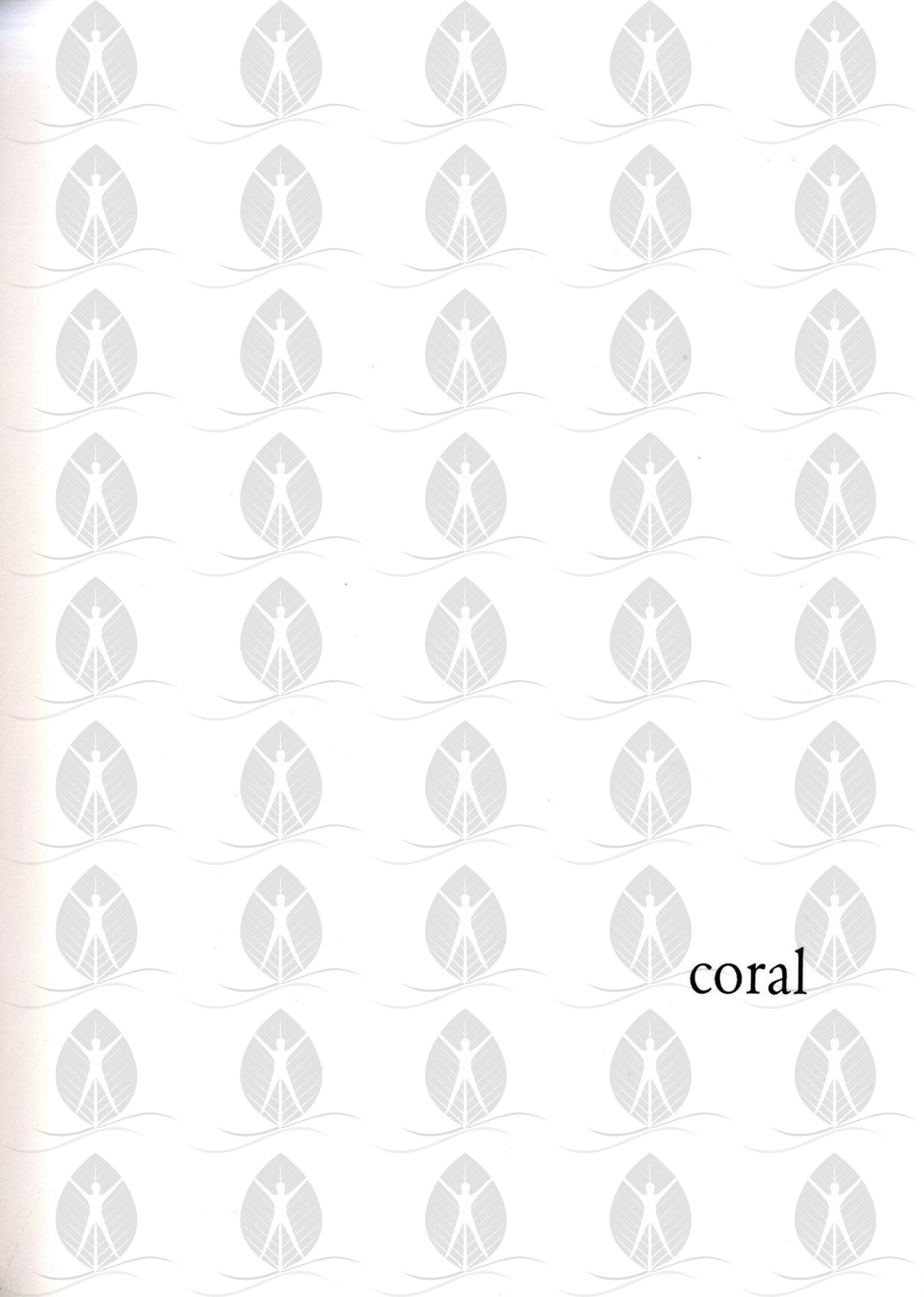
prelúdio





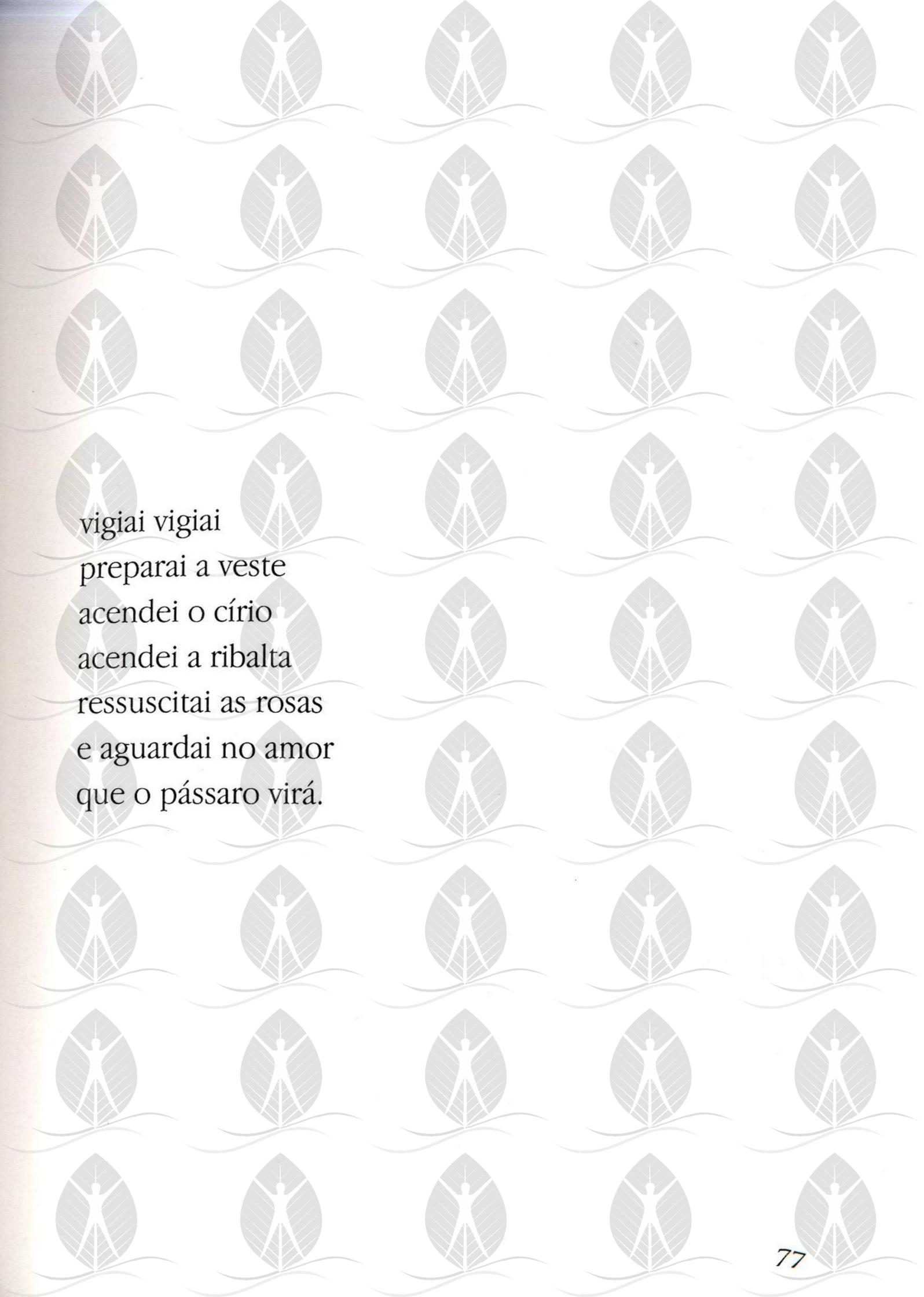
quatro cavalos passaram galopando  
em asas de águias sustentados  
relinchando como se fosse trombetas sua voz  
ou ribombar de trovões enlouquecidos.  
olhei. estava só na praia. o mar quieto.  
uma brisa dançava sobre as ondas  
o prelúdio que chopin tocava soluçando.  
depois vieram ninfas volitando  
ao som de músicas ligeiras.  
sumiram-se depois nas gotas do orvalho.  
oh. a crosta espessa das palavras  
que mal revelam o fulcro luminoso  
da consistência do mistério vislumbrado.  
quem está cantando perguntei são as rosas?  
rosas?  
quem está cantando é o coro dos palhaços.





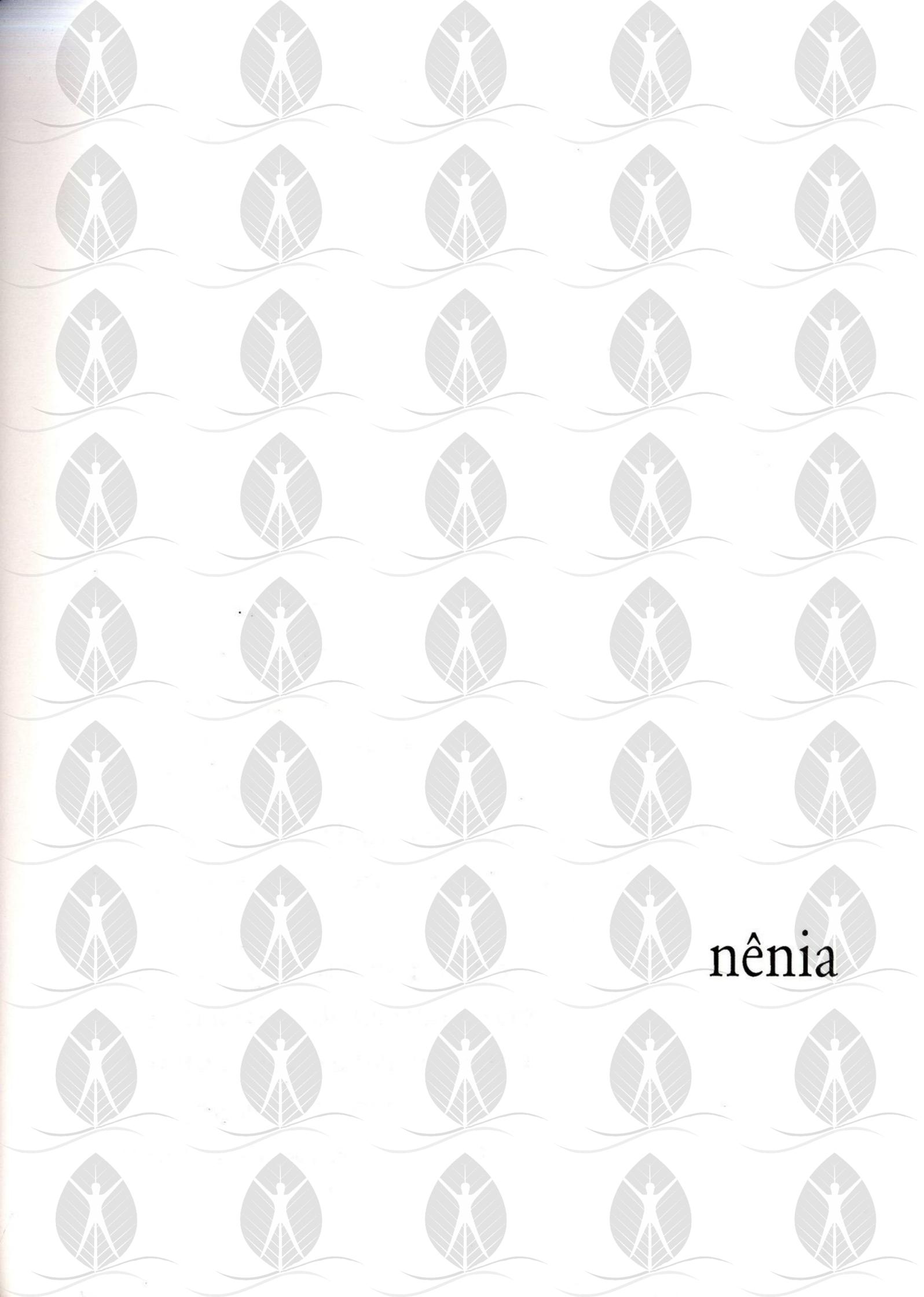
coral





vigiai vigiai  
preparai a veste  
acendei o círio  
acendei a ribalta  
ressuscitai as rosas  
e aguardai no amor  
que o pássaro virá.

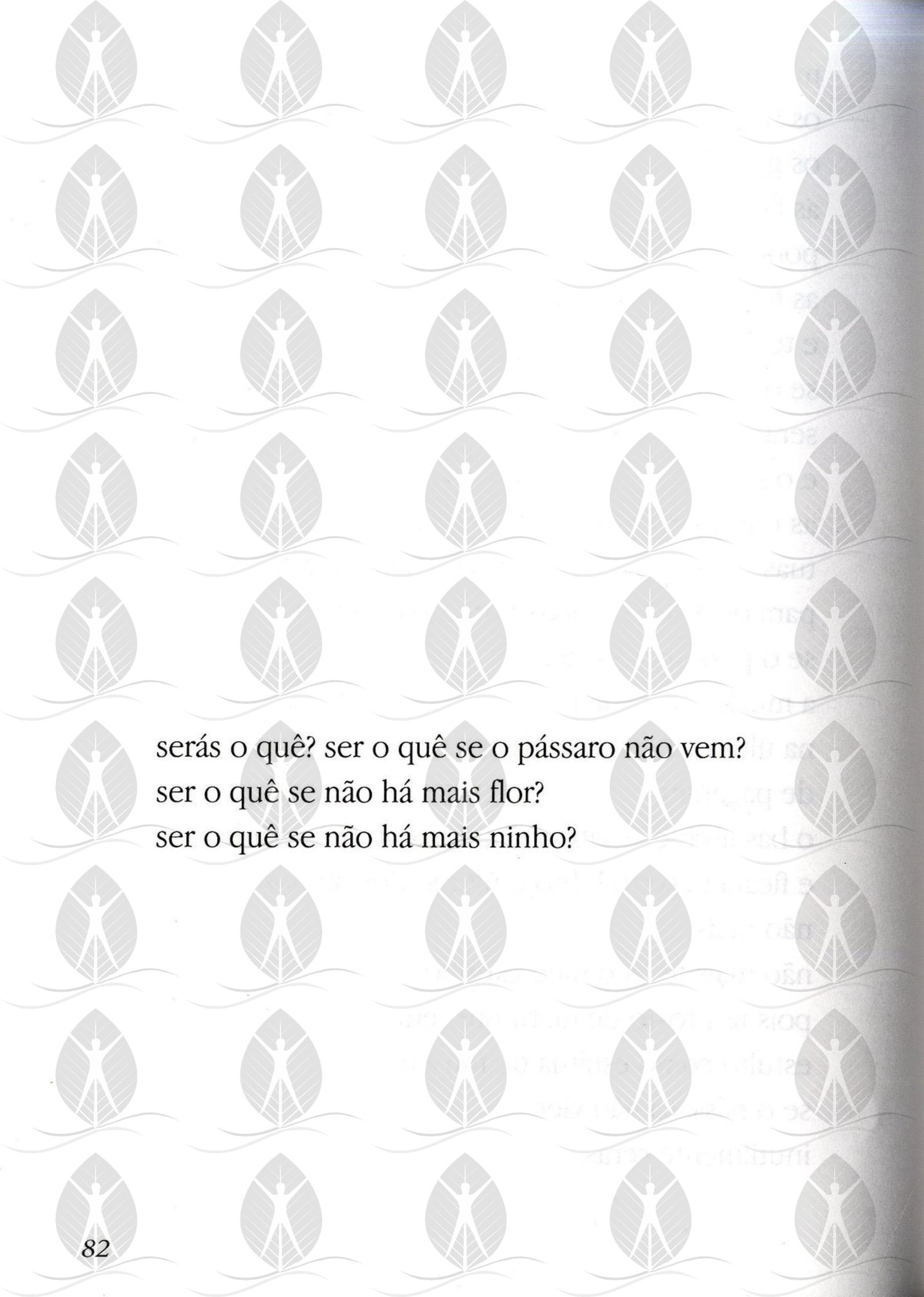




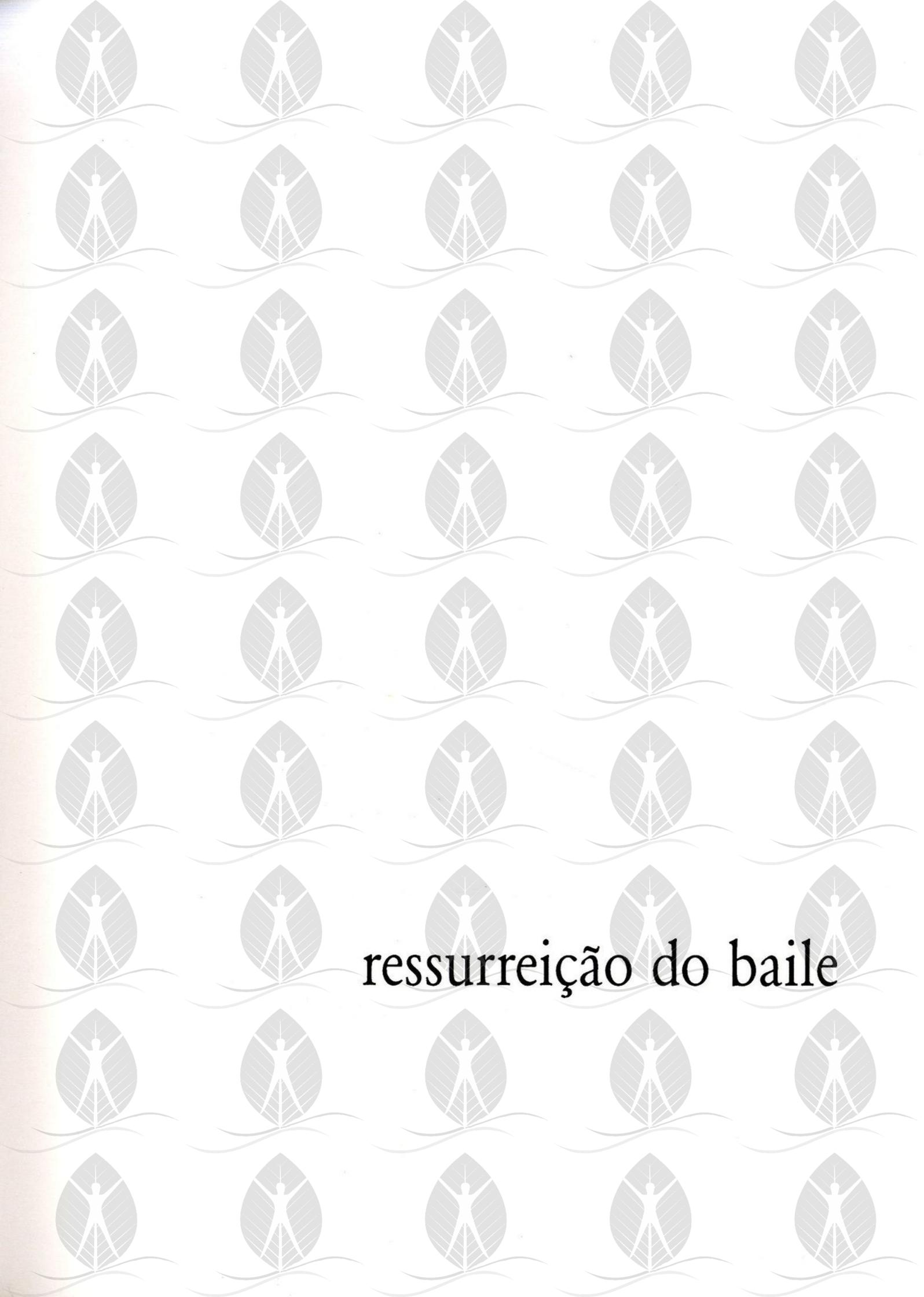
nênia



mas se o pássaro não vier como será?  
os trigais deixarão cair – inútil esmola –  
os grãos de ouro no chão incandescido.  
as flores murcharão – flores de pedra –  
ponteagudas como espinhos secos.  
as fontes coalharão suas águas  
e teu sorriso morrerá qual fruto podre.  
se o pássaro não vier  
será a noite sem estrelas  
e o sol não bordará mais de ouro e púrpura  
as réguas fimbrias do manto da aurora.  
tuas mãos inutilmente chamarão os pirilampus  
para os bailes feéricos no seio da floresta  
se o pássaro não vier  
a música silenciará  
na última corda partida  
de paganini.  
o basilisco e as víboras dominarão os caminhos  
e ficará deserto e frio o último dos ninhos.  
não mais  
não mais terás o meu carinho  
pois teu rosto de mármore será  
estulto como estátua de museu.  
se o pássaro não vier  
inutilmente serás.

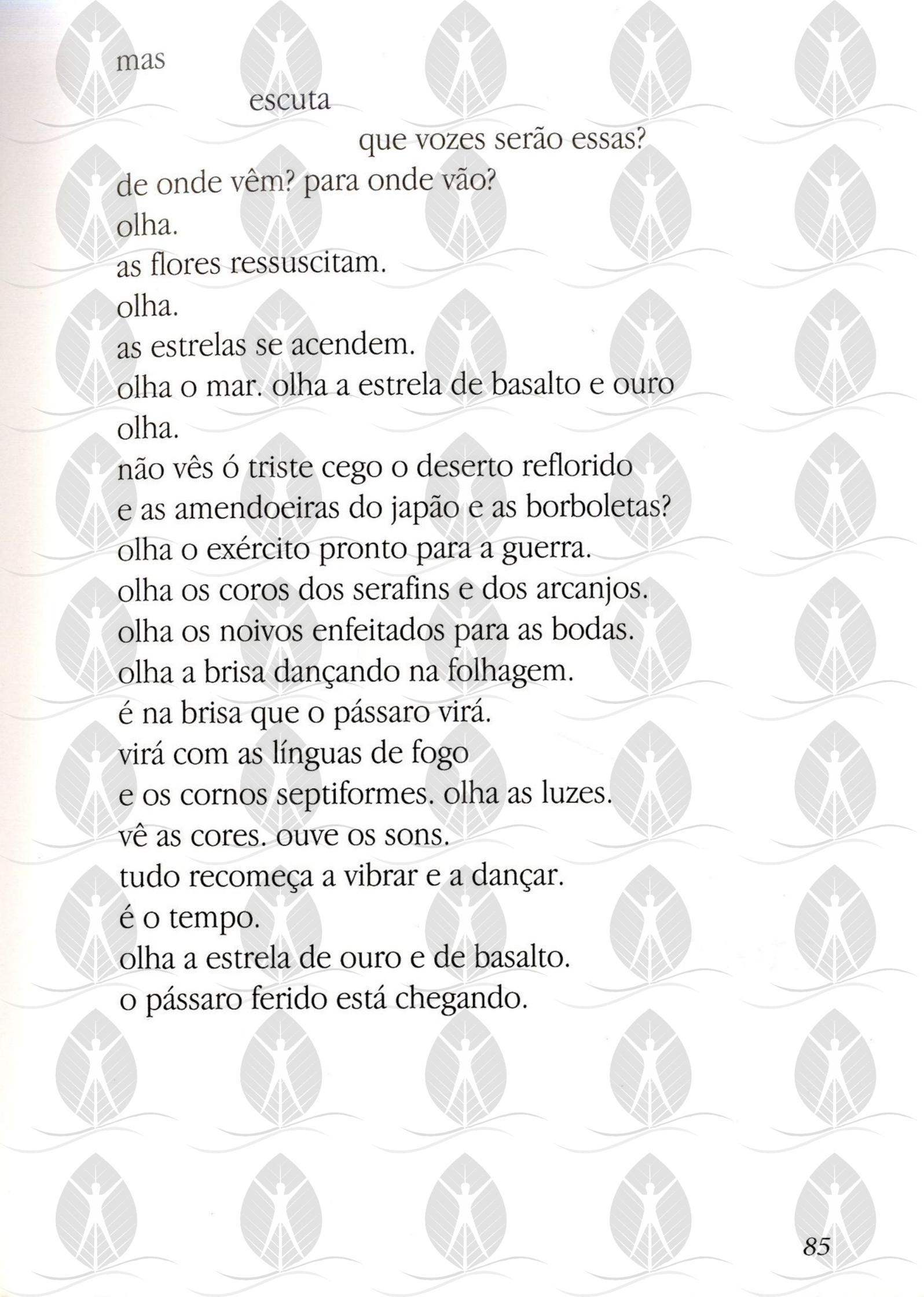


serás o quê? ser o quê se o pássaro não vem?  
ser o quê se não há mais flor?  
ser o quê se não há mais ninho?



ressurreição do baile





mas

escuta

que vozes serão essas?

de onde vêm? para onde vão?

olha.

as flores ressuscitam.

olha.

as estrelas se acendem.

olha o mar. olha a estrela de basalto e ouro

olha.

não vês ó triste cego o deserto reflorado  
e as amendoeiras do japão e as borboletas?

olha o exército pronto para a guerra.

olha os coros dos serafins e dos arcanjos.

olha os noivos enfeitados para as bodas.

olha a brisa dançando na folhagem.

é na brisa que o pássaro virá.

virá com as línguas de fogo

e os cornos septiformes. olha as luzes.

vê as cores. ouve os sons.

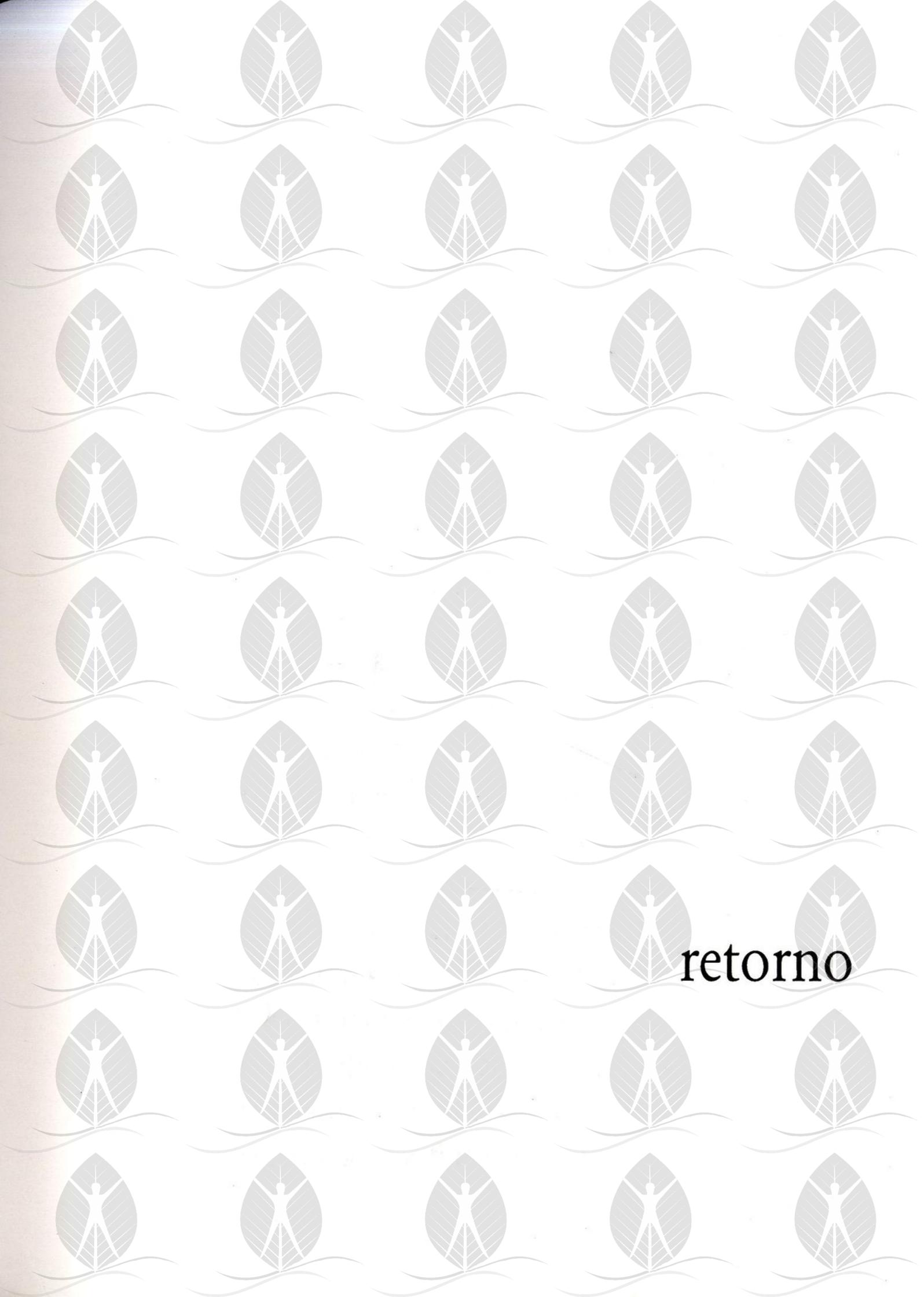
tudo recomeça a vibrar e a dançar.

é o tempo.

olha a estrela de ouro e de basalto.

o pássaro ferido está chegando.





retorno



ele voltou dançando o mesmo ballet antigo.

“– quem és tu esquisito ser luxuriante?

e estes guizos pendentes de teus dedos  
e estas chamuscas febris em teu olhar de ave?

quem és tu? perguntei – “e o fantasma  
não me olhou sequer. subia e descia  
em ritmo veloz e às vezes calmamente.

“– quem és tu? –” perguntei impaciente  
que o medo o pavor o riso a loucura  
já de mim se apossavam. e o demente  
anjo respondeu-me indiferentemente

“– de onde venho não sei nem mesmo sei  
se algum dia nasci ou se apenas sempre nasço.  
quem sou? rosa anjo fagulha do inferno  
semideus apenas gesto luz ou noite?

por que perguntas isso? por que queres saber  
quem sou se eu mesmo não sei? repara.

quando aqui chegaste a noite era nova

e já a estrela da manhã desfolha

uma a uma humildemente suas pétalas de luz.

não te direi quem sou. dorme e sonha.

acorda viaja estuda raciocina dorme.

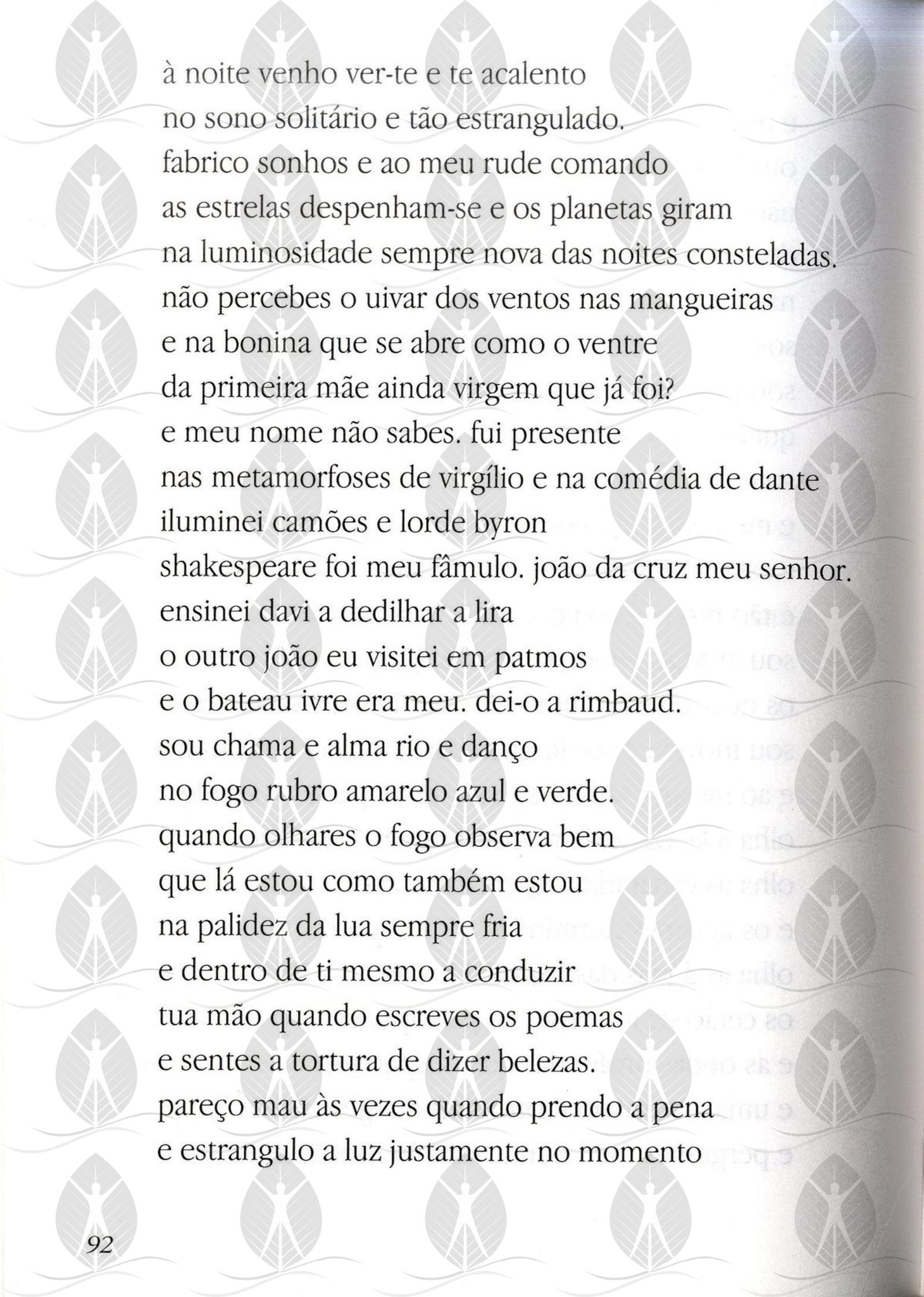
não és homem por acaso não possues

uma centelha divina ardendo viva

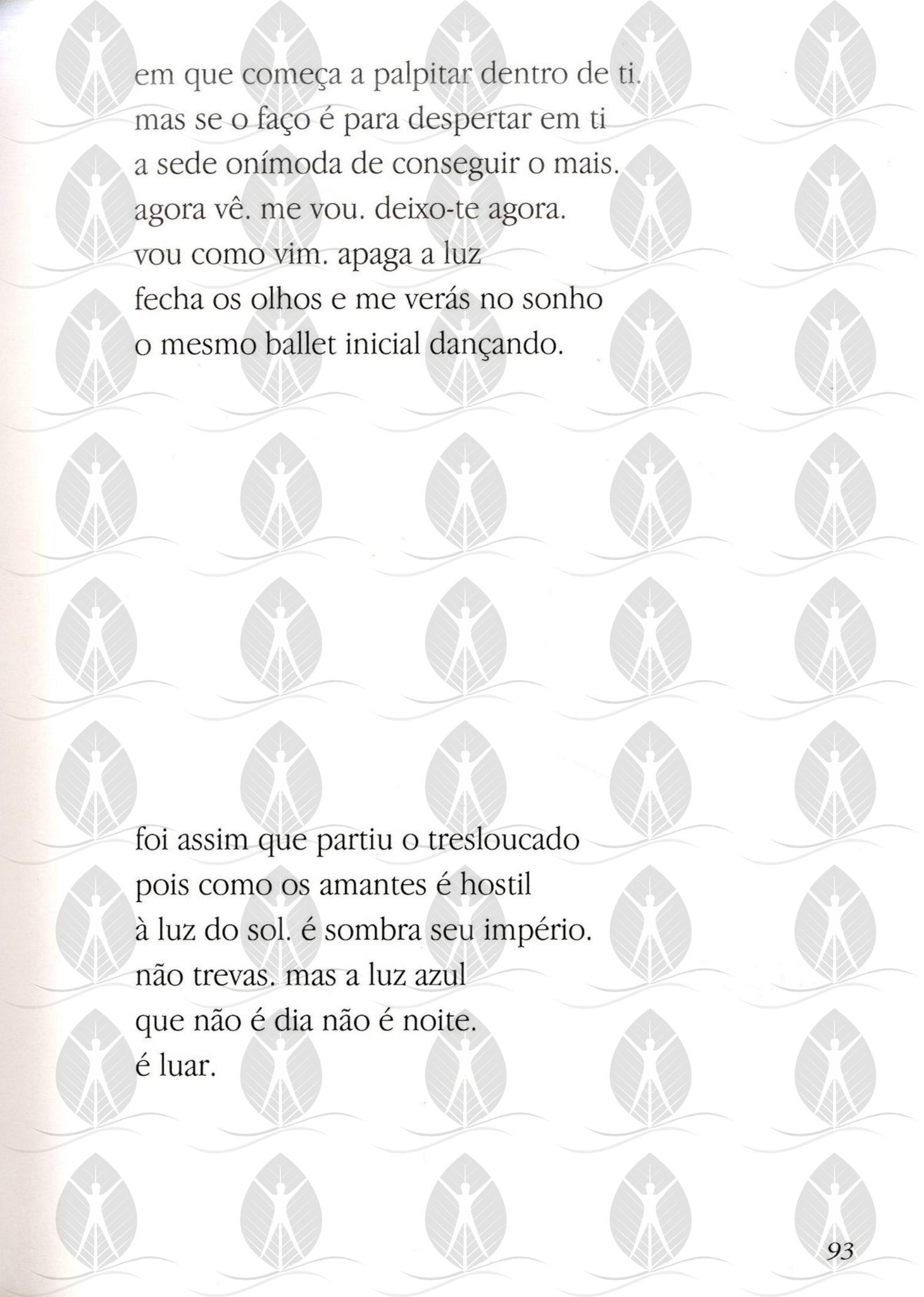
dentro do teu mais misterioso mar?

não direi meu nome a homem algum porém  
podes muito bem descobri-lo. sabes que a lua  
é um satélite da terra. que o sol é uma estrela.  
que tudo é relativo e três as dimensões do espaço.  
que os corpos se compõem de átomos e moléculas.  
conheces a inflexível lei da gravidade  
que arrasta para o chão o barro do teu corpo.  
descobriste no âmago das coisas íons e elétrons  
o positivo e o negativo  
forças que se atraem e se repelem.  
conheces as rotas dos planetas e o caminho  
das marítimas correntes dos ventos e das aves  
e não sabes ainda balbuciar meu nome verdadeiro.  
e eu não direi. espia bem esta paisagem.  
lê de novo o poema. desce. vai ao fundo.  
sobe depois. evola-te. transforma-te  
depois em fumaça e em luz. não te afadigues.  
o ritmo do meu nome é longo. majestoso.  
quando souberes quantas rosas floriram  
na paisagem perdida e de novo descobrires  
o sonho inquieto e a aurora pranteada  
alegra-te então. pois caminhas certo  
rumo ao mistério inexprimível do meu nome.  
agora olha bem para dentro de meus olhos.  
que são eles? abismos carícias ou perdição?

fogo água tranqüilidade ou medo?  
e meus pés? vês? são pés de fauno grego  
ou de arcanjo bizantino? não sabes?  
não sabes decifrar o indevassável enigma  
dos meus pés sempre velados?  
não sabes entender a linguagem dos meus olhos?  
sou demente sim. sou ilógico. hiperlógico. paralógico.  
sou problema e sombra. queres saber meu nome?  
queres me amar talvez ou odiar talvez.  
sou vida desperdiçada ou morte indesejável.  
e meu corpo se corpo chamar se pode  
a esta mistura de feno e melodia  
é tão instável como a dança histórica das chamas.  
sou ar fogo umidade terra e água.  
os quatro elementos? ah. os infinitos elementos.  
sou móvel motor força motriz mobilidade extrema  
e ao mesmo tempo sou suprema paz e quietude.  
olha a lagoa onde revoam pássaros cansados.  
olha as canaranas frágeis baloiçando  
e os aguapés dormindo brancamente.  
olha as águas das lagoas diluídas  
os cetáceos as serpes os palmípedes  
e as ondas profundas que despertam  
e uma a uma vão morrer nas margens.  
e perguntas meu nome. sabê-lo não desejes.



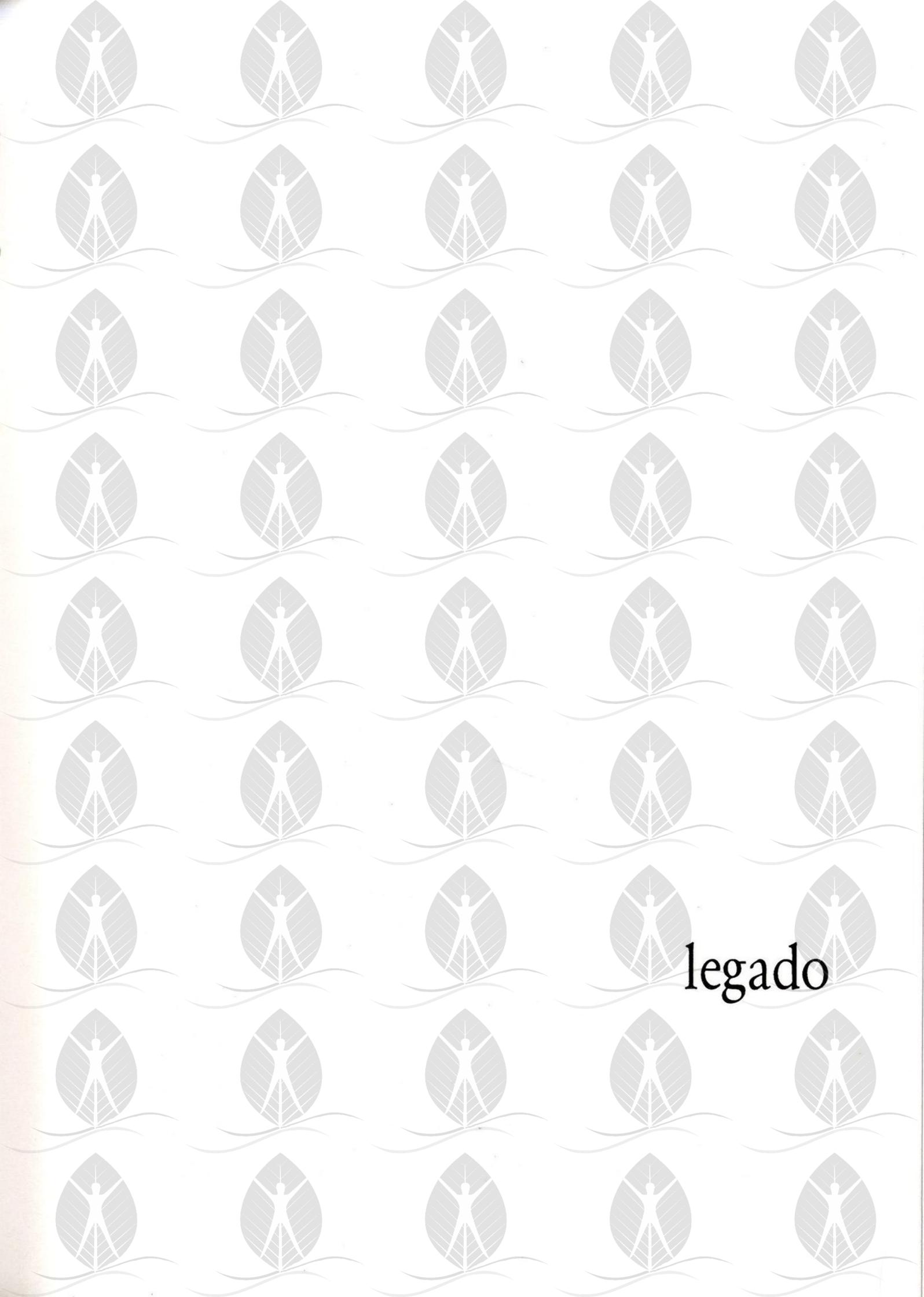
à noite venho ver-te e te acalento  
no sono solitário e tão estrangulado.  
fabrico sonhos e ao meu rude comando  
as estrelas despenham-se e os planetas giram  
na luminosidade sempre nova das noites consteladas.  
não percebes o uivar dos ventos nas mangueiras  
e na bonina que se abre como o ventre  
da primeira mãe ainda virgem que já foi?  
e meu nome não sabes. fui presente  
nas metamorfoses de virgílio e na comédia de dante  
iluminei camões e lorde byron  
shakespeare foi meu fâmulos. joão da cruz meu senhor.  
ensinei davi a dedilhar a lira  
o outro joão eu visitei em patmos  
e o bateau ivre era meu. dei-o a rimbaud.  
sou chama e alma rio e danço  
no fogo rubro amarelo azul e verde.  
quando olhares o fogo observa bem  
que lá estou como também estou  
na palidez da lua sempre fria  
e dentro de ti mesmo a conduzir  
tua mão quando escreves os poemas  
e sentes a tortura de dizer belezas.  
pareço mau às vezes quando prendo a pena  
e estrangulo a luz justamente no momento



em que começa a palpitar dentro de ti.  
mas se o faço é para despertar em ti  
a sede onímoda de conseguir o mais.  
agora vê. me vou. deixo-te agora.  
vou como vim. apaga a luz  
fecha os olhos e me verás no sonho  
o mesmo ballet inicial dançando.

foi assim que partiu o tresloucado  
pois como os amantes é hostil  
à luz do sol. é sombra seu império.  
não trevas. mas a luz azul  
que não é dia não é noite.  
é luar.

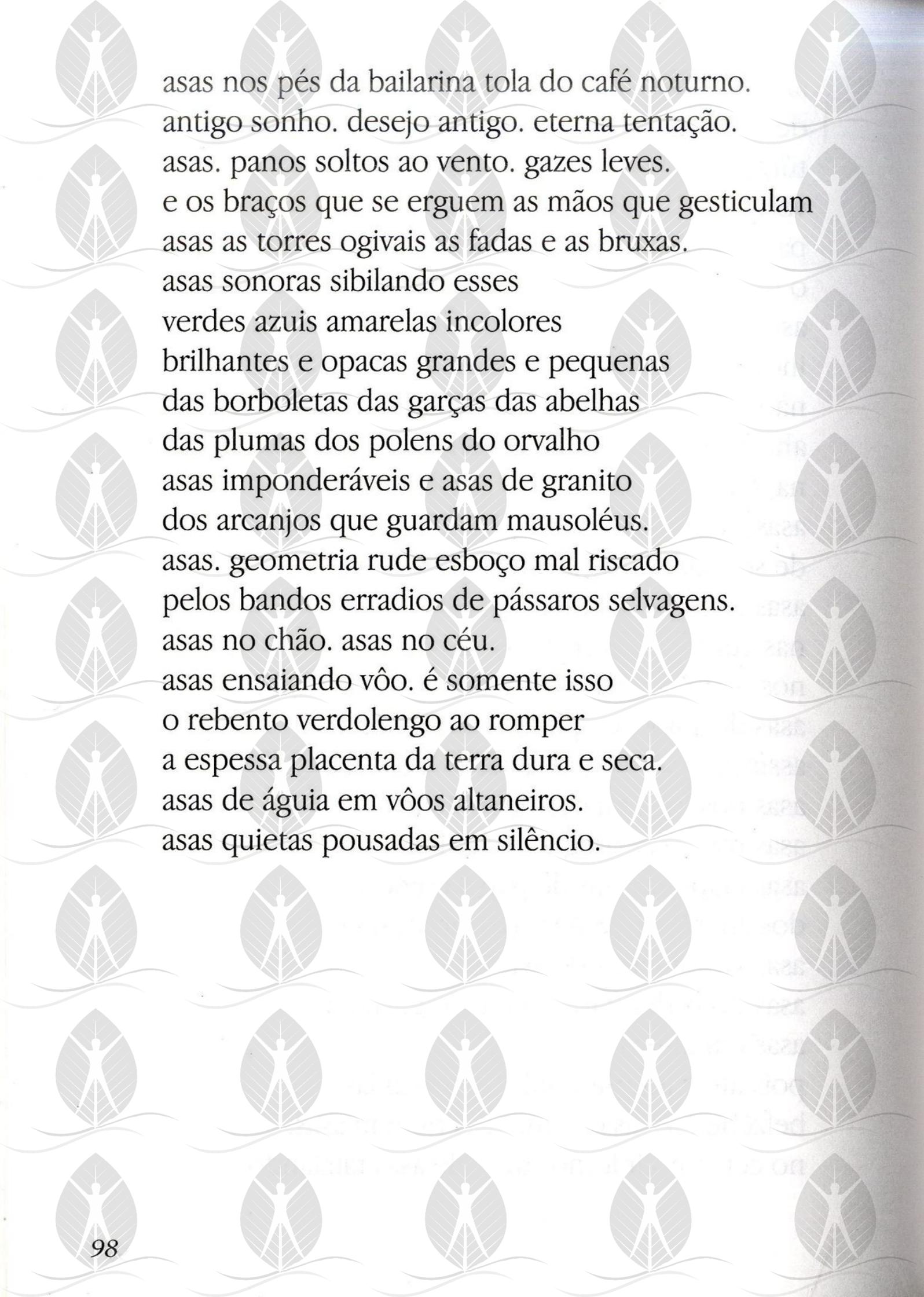




legado



asas, somente isso. angústia  
de fugir ao destino das raízes.  
túrgidas velas singrando aberto espaço.  
velas do destino de colombo  
partindo em quilhas quase loucas para  
o mistério das virgens descobertas.  
asas de ícaro vencidas pelo sol  
incauto ícaro não sabias que  
não é dado a palhaços ver o sol?  
ah. o vôo de ícaro presente  
na dança de nijinski.  
asas, somente isso. desespero  
de ser barro e ao mesmo tempo seta.  
asas apenas sugeridas  
nas curvas nos voejos nas volutas  
nos mantos e nas vestes do barroco.  
asas de anjos de querubins de touros  
assírios. asas custódias da arca da aliança.  
asas nos calcanhares de mercúrio.  
asas romanas. gregas. bizantinas asas.  
asas egípcias. asas de papel crepon  
dos anjinhos meninas das procissões.  
asas até sim asas de avião.  
asas do padre bartolomeu de gusmão.  
asas em queda.  
pois até para cair é mister possuí-las.  
belzebu tem asas. sim. belzebu tem asas.  
no céu e no inferno ruído de asas tatalando.



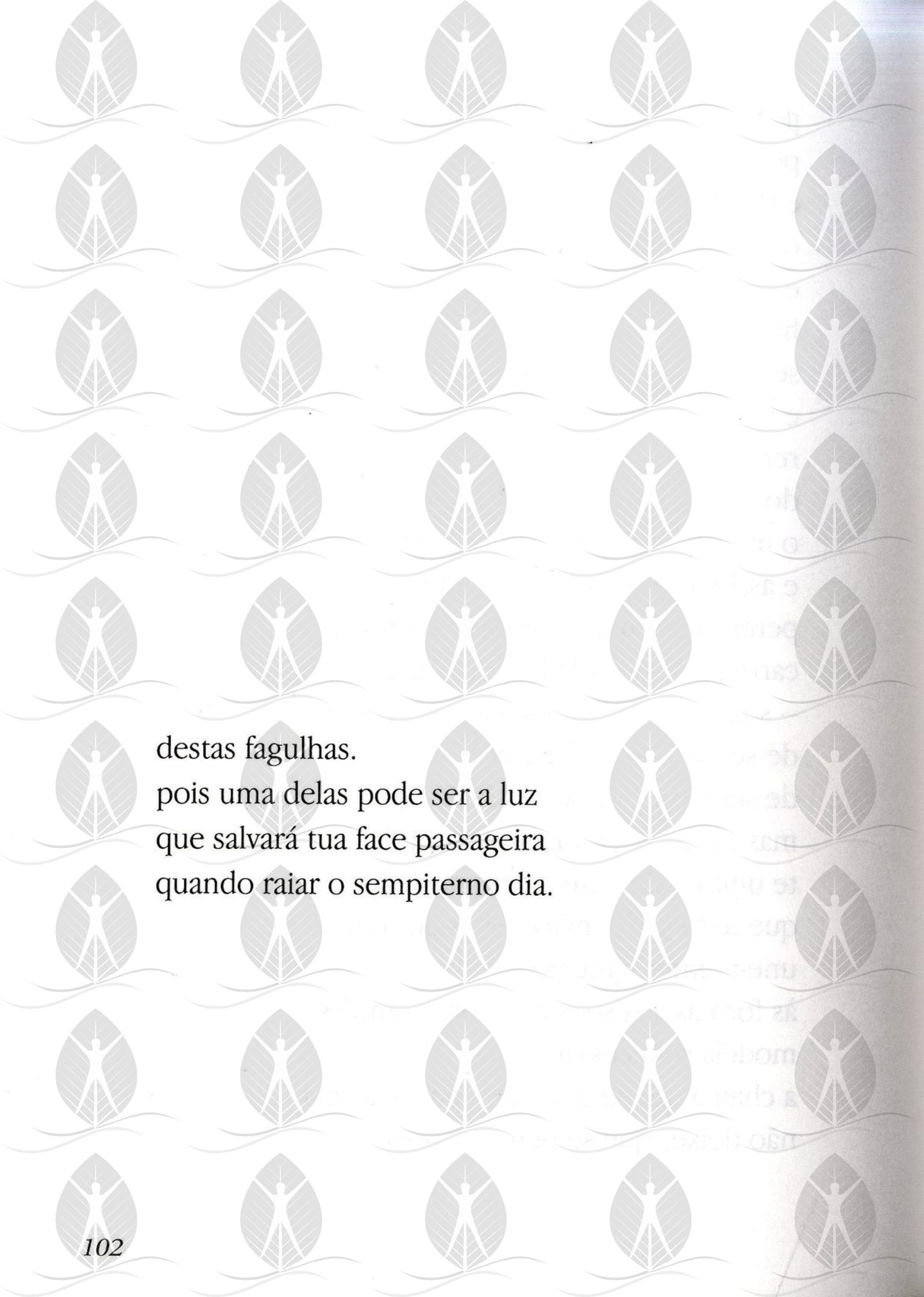
asas nos pés da bailarina tola do café noturno.  
antigo sonho. desejo antigo. eterna tentação.  
asas. panos soltos ao vento. gazes leves.  
e os braços que se erguem as mãos que gesticulam  
asas as torres ogivais as fadas e as bruxas.  
asas sonoras sibilando esses  
verdes azuis amarelas incolores  
brilhantes e opacas grandes e pequenas  
das borboletas das garças das abelhas  
das plumas dos polens do orvalho  
asas imponderáveis e asas de granito  
dos arcanjos que guardam mausoléus.  
asas. geometria rude esboço mal riscado  
pelos bandos erradios de pássaros selvagens.  
asas no chão. asas no céu.  
asas ensaiando vôo. é somente isso  
o rebento verdolengo ao romper  
a espessa placenta da terra dura e seca.  
asas de águia em vôos altaneiros.  
asas quietas pousadas em silêncio.



doutrina



sou cativo do pássaro ferido  
pois ouvindo sua lenda e seu martírio  
por legado recebi este desejo  
e da estrela tornei-me companheiro.  
ó poeta não queiras pois é morte  
e cativo conhecer a face do palhaço.  
há milênios caminho sem cessar  
sem ver o sol. apenas o luar  
e a luz indecisa das estrelas  
recriam esta máscara e fonte  
do riso e da tristeza que oculta  
o meu rosto e corpo verdadeiros.  
e assim caminharei eternamente  
peregrino sempre sempre marinheiro  
carregando meu fado torturante  
— semente feto nesse em promessa —  
de ser ave sem poder voar  
de ser clown isto é ser e não ser.  
mas tu poeta enquanto não puderes  
te unir totalmente com o mistério  
que te foge das mãos feitas de som  
une-te intensamente  
às formas aos sons e às cores simples.  
modela sem cessar  
a chama que te queima a alma e as mãos.  
não deixes que se perca uma só



destas fagulhas.  
pois uma delas pode ser a luz  
que salvará tua face passageira  
quando raiar o sempiterno dia.



despedida







e o velho clown partiu beijando ainda  
o brinquedo que a criança abandonara  
no velho palco parque ou tempo sem memória.



COLEÇÃO RESGATE

1. Ritmos de inquieta alegria  
*Violeta Branca*

2. Poemas amazônicos  
*Pereira da Silva*

3. Beiradão  
*Álvaro Maia*

4. Czardas  
*Jonas da Silva*

5. Cantos amazônicos  
*Paulino de Brito*

6. Os sonetos das flores  
*Américo Antony*

7. O outro e outros contos  
*Benjamin Sanches*

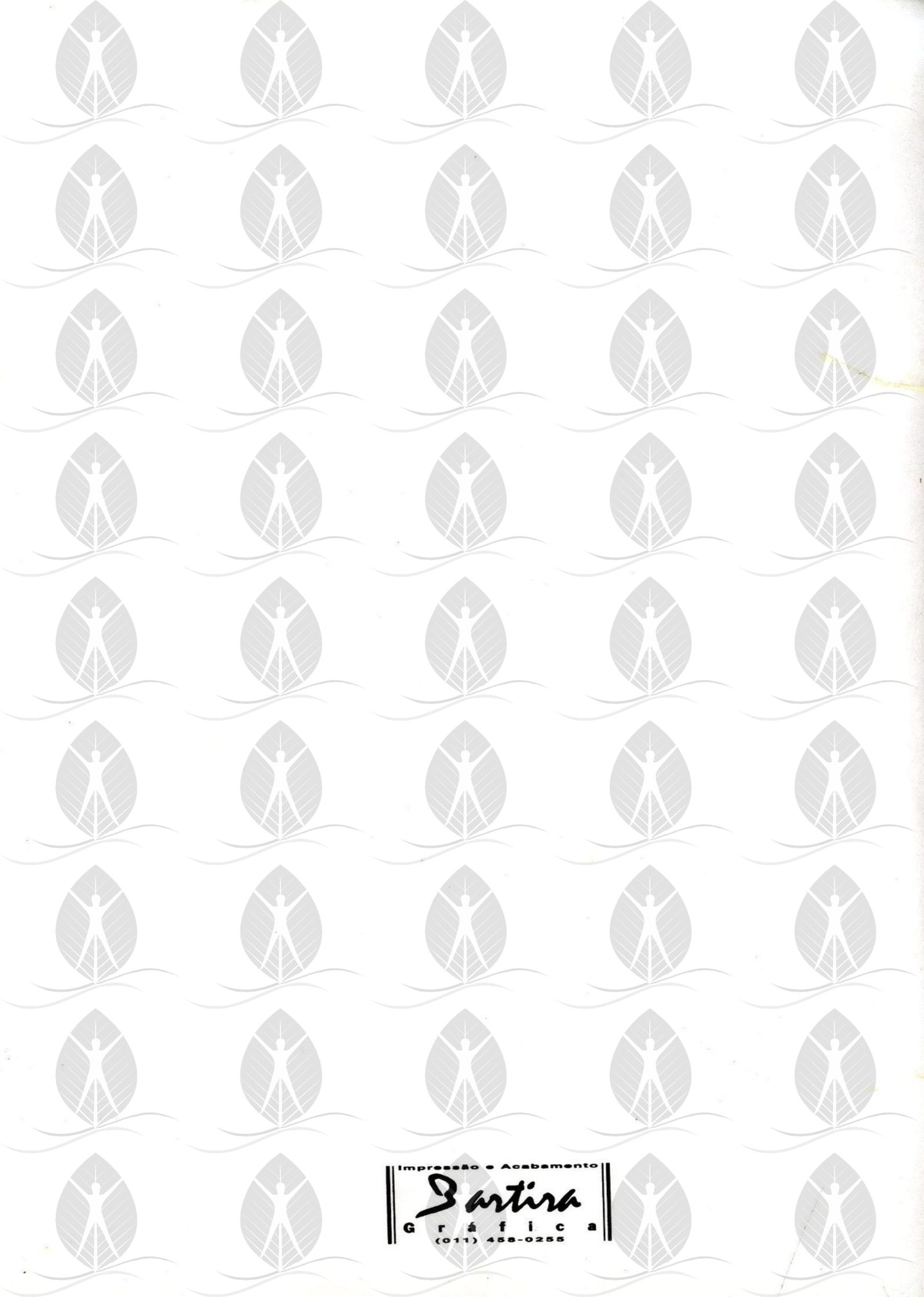
8. Alameda  
*Astrid Cabral*

9. Poesia freqüentemente  
*Sebastião Norões*

10. Aparição do Clown  
*L. Ruas*

11. Papéis velhos... roídos pela traça do símbolo  
*Maranhão Sobrinho*

12. Pelo Solimões  
*Quintino Cunha*



Impressão e Acabamento  
**Bartira**  
G r á f i c a  
(011) 458-0255



goria da escatologia cristã, a promessa de redenção do homem.

O poema é uma transfiguração do martírio de Cristo, também dos homens. A existência humana não deixa de ser um campo de provações para aqueles que intentam um diálogo com o infundável, com o ser do mundo, com a totalidade. L. Ruas, em *Aparição do clown*, fez a confissão da dor, da ânsia que esmaga o ser, evidência da sua procura de um sentido para a vida.

O livro é a descrição transfigurada, o itinerário de sua busca, de sua iniciação nos mistérios do pássaro ferido. A afirmação de sua fé no milagre da redenção do homem. Sua reconciliação com o inefável, com Deus.

**Tenório Telles**



*Aparição do clown do Padre Luiz Ruas é um poema místico, filosófico, cujos símbolos se multiplicam em cada verso, em cada trecho do poema admirável, rico em idéias e em palavras.*

*O sempiterno clown aparece ao luar, num céu e chão azuis. Uma boneca. Riso e pranto, porque "o destino dos palhaços é fundir a luz da lua, o alegre riso e o triste pranto". O palhaço é aqui um mistério na poética do Padre Luiz Ruas, quando Ruas interroga: onde está tua face palhaço? no riso, no pranto, na dor. A luz da ribalta, a música, os guizos, o trapézio são faces da velha máscara. O que o Padre Luiz Ruas procura é a face verdadeira, a que não se parte, desse palhaço eterno que é o homem em si, artista, poeta, músico ou dançarino.*

*André Araújo*



## AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - [Lei nº 9.610/98](#)). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: [ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM](mailto:ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM)



Secretaria de  
**Estado de Cultura**



CENTRO CULTURAL DOS  
POVOS DA AMAZÔNIA